



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro Biomédico  
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Dominique Vianna Marques

**Sagrado feminista?! conflitos e continuidades entre o Sagrado Feminino e os Feminismos**

Rio de Janeiro

2023

Dominique Vianna Marques

**Sagrado feminista?! conflitos e continuidades entre o Sagrado Feminino e os  
Feminismos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Araújo Russo

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Fisher Nucci

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

M357 Marques, Dominique Vianna

Sagrado feminista?! conflitos e continuidades entre o Sagrado Feminino e os Feminismos / Dominique Vianna Marques – 2023.  
80 f.

Orientadora: Jane Araújo Russo  
Coorientadora: Marina Fisher Nucci

Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro.

1. Filosofias Religiosas. 2. Feminismo. 3. Romantismo. 4. Terapias Alternativas. 5. Saúde da Mulher. 6. Natureza. I. Russo, Jane Araújo. II. Nucci, Marina Fisher. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. IV. Título.

CDU 141

Bibliotecária: Julia Franco Barbosa – CRB 7 5945

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Dominique Vianna Marques

**Sagrado feminista?! conflitos e continuidades entre o Sagrado Feminino e os  
Feminismos.**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 31 de outubro de 2023.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jane Araújo Russo

Instituto de Medicina Social - UERJ

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marina Fisher Nucci

Instituto de Medicina Social - UERJ

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Claudia Mercedes Mora Cárdenas

Instituto de Medicina Social - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Claudia Barcellos Rezende

Instituto de Ciências Sociais- UERJ

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a minha orientadora Jane Russo e Coorientadora Marina Nucci, por toda confiança e incentivo, pelo trabalho minucioso e atencioso, por todo conhecimento transmitido, pela paciência e dedicação que tanto me ajudaram a aprimorar este trabalho. Além da grande admiração que tenho por ambas, agradeço por tornarem esse período de escrita agradável, mesmo com todos os desafios acadêmicos envolvidos e, principalmente, por proporcionarem um ambiente afetuoso e saudável.

Dedico este trabalho às minhas queridas amigas, que estiveram presentes em cada desafio, me fazendo rir nos momentos difíceis e compartilhando as alegrias das conquistas. Em especial minha amiga Gabriela que, além de me ouvir falar tanto da pesquisa, leu e me trouxe muitas considerações importantes.

Aos colegas do IMS pelas trocas, colaborações nas burocracias e apoio no grupo.

Aos membros da banca examinadora, pelo interesse e disponibilidade.

A CAPES por ter proporcionado auxílio financeiro em todo tempo de escrita.

E a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade, meu mais sincero agradecimento.

Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato.

*Chimamanda Ngozi Adichie, Sejamos todos feministas*

## RESUMO

MARQUES, Dominique Vianna. **Sagrado feminista?! conflitos e continuidades entre o Sagrado Feminino e os Feminismos**. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Notamos, nos últimos anos, um crescente interesse pelo Sagrado Feminino, com uma abundância de informações disponíveis em grupos, cursos e livros. Trata-se de uma corrente cada vez mais presente em ambientes terapêuticos, redes sociais e outras plataformas online, que visa valorizar o feminino e aproximar a mulher da natureza e de seus ciclos – que iriam além dos processos biológicos. Partindo disso, esta dissertação busca explorar como o Sagrado Feminino é abordado no Instagram e sua relação com o feminismo, em particular com as vertentes do feminismo da diferença e o ecofeminismo. A dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, são apresentadas as raízes do movimento Romântico e da Nova Era, e discutimos como elas se relacionam ao Sagrado Feminino. No segundo capítulo, discute-se como o feminismo da diferença e o ecofeminismo se conectam com o Sagrado Feminino. O terceiro capítulo descreve a metodologia da pesquisa, que se baseou em uma análise de 40 publicações retiradas de cinco perfis de Instagram: @sagradofemininoreal, @ginecologianatural, @mulher.sagrada, @mulherciclica e @teiadalua. No quarto e último capítulo, apresentamos os dados e análises do material selecionado, organizados a partir dos temas mais frequentes e relevantes das publicações: menstruação, sabedoria ancestral, autocura e empoderamento. A partir da análise, observamos que, em algumas interpretações ou práticas, esses movimentos podem inadvertidamente reafirmar estereótipos de gênero, à medida que se promove a ideia de que todas as mulheres compartilham características essenciais. Por outro lado, é importante destacar como o Sagrado Feminino têm potencial para promover uma série de ganhos para mulheres, como um ambiente seguro e solidário no qual podem compartilhar suas experiências. Além disso, podemos observar que as diversas práticas terapêuticas relacionadas ao tema visam tratamento e solução para problemas femininos, sejam de ordem física, emocional ou espiritual, que não encontram respostas na medicina tradicional.

Palavras-chave: sagrado feminino; ecofeminismo; Nova Era; Romantism

## ABSTRACT

MARQUES, Dominique Vianna. **Sacred feminist?! conflicts and continuities between the Sacred Feminine and Feminisms**. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

In recent years, we have noticed a growing interest in the Sacred Feminine, with an abundance of information available in groups, courses, and books. It is becoming increasingly present in therapeutic settings, social media, and other online platforms, aiming to celebrate the feminine and connect women with nature and their cycles, which go beyond biological processes. Building on this, this dissertation seeks to explore how the Sacred Feminine is approached on Instagram and its relationship with feminism, particularly with the strands of difference feminism and ecofeminism. The dissertation is divided into four chapters. In the first chapter, we present the roots of the Romantic and New Age movements and discuss how they relate to the Sacred Feminine. The second chapter discusses how difference feminism and ecofeminism connect with the Sacred Feminine. The third chapter describes the research methodology, which was based on an analysis of 40 posts taken from five Instagram profiles: @sagradofemininoreal, @ginecologianatural, @mulher.sagrada, @mulherciclica, and @teiadalua. In the fourth and final chapter, we present the data and analysis of the selected material, organized around the most frequent and relevant themes in the posts: menstruation, ancestral wisdom, self-healing, and empowerment. Through the analysis, we observe that, in some interpretations or practices, these movements may inadvertently reinforce gender stereotypes as they promote the idea that all women share essential characteristics. On the other hand, it is important to highlight how the Sacred Feminine has the potential to provide various benefits for women, such as a safe and supportive environment where they can share their experiences. Additionally, we can observe that the various therapeutic practices related to the theme aim to provide treatment and solutions for female issues, whether physical, emotional, or spiritual, that may not find answers in traditional medicine.

Keywords: sacred feminine; ecofeminism; New Age; Romanticism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Proposições básicas entre o pensamento Oriental e Ocidental.....	19
Figura 1 –	Captura de ecrã @sagradofemininoreal.....	49
Figura 2 –	Captura de ecrã @ginecologianatural.....	49
Figura 3 –	Captura de ecrã @mulher.sagrada.....	50
Figura 4 –	Captura de ecrã @ mulherciclica.....	50
Figura 5 –	Captura de ecrã @teiadalua.....	51
Figura 6 –	Os 4 Arquétipos e Estações do Ciclo Menstrual.....	57
Figura 7 –	Mandala Lunar.....	59
Figura 8 –	Captura de ecrã @mulher.sagrada.....	60
Figura 9 –	Captura de ecrã @sagradofemininoreal.....	61
Figura 10 –	Captura de ecrã @mulherciclica.....	63
Figura 11 –	Captura de ecrã @teiadalua.....	65
Figura 12 –	Captura de ecrã @ginecologianatural.....	66
Figura 13 -	Captura de ecrã @ginecologianatural.....	67
Figura 14 –	Captura de ecrã @mulherciclica.....	69
Figura 15 –	Captura de ecrã @ginecologianatural.....	70
Figura 16 –	Captura de ecrã @mulher.sagrada.....	71
Figura 17 –	Captura de ecrã @mulherciclica.....	72
Figura 18 –	Captura de ecrã @sagradofemininoreal.....	73
Figura 19 –	Captura de ecrã @mulher.sagrada.....	74

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>MOVIMENTOS</b> .....	14
1.1	<b>Romantismo</b> .....	14
1.2	<b>Nova Era</b> .....	17
1.3	<b>Sagrado Feminino</b> .....	25
2	<b>FEMINISMOS</b> .....	34
2.1	<b>Feminismos/ Ondas</b> .....	34
2.2	<b>Feminismo da Diferença / Ecofeminismo</b> .....	38
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	46
4	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	53
4.1	<b>Menstruação / Lua</b> .....	53
4.2	<b>Sabedoria Ancestral, Empoderamento e Autocuidado</b> .....	63
4.3	<b>Feminino</b> .....	71
	<b>CONCLUSÕES</b> .....	75
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78

## INTRODUÇÃO

A temática do Sagrado Feminino começou a fazer parte da minha vida principalmente através das minhas pacientes e colegas terapeutas, pelos diversos relatos favoráveis a este conjunto de práticas, mas também a partir de convites que me foram feitos para participar das experiências terapêuticas, que citarei mais a frente, em grupos presenciais e virtuais. Em 2021 ocorreu o Congresso Fazendo Gênero 12<sup>1</sup> com o tema "Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos", na Universidade Federal de Santa Catarina, reunindo pesquisadoras, estudantes, ativistas, artistas, professoras e interessadas nas questões que envolvem gênero, feminismos e sexualidades. Assim, ocorreu um dos simpósios temáticos (ST 018) em que a chamada era: "As Bruxas estão de volta? Sagrado feminino e Ecofeminismo", que reuniu diversos trabalhos acerca da temática da ecologia, conexão com a natureza, exploração masculina, unido ao debate feminista.

Nessa circunstância, já ouvira falar do livro 'Mulheres que correm com lobos - Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem', imensamente citado nessas coletividades. Este livro da psicóloga junguiana e contadora de histórias, como a própria se define, Clarissa Pinkola Estés, foi lançado em 1989, e, segundo o jornal "The New York Times", permaneceu mais de 145 semanas na lista de mais vendidos e foi traduzido em mais de 42 idiomas, relançado em edição especial em 2020. Segundo a revista Veja, o livro entrou para a categoria do mercado editorial dos "long-sellers", ou seja, aqueles que após décadas de lançamento mantêm uma alta vendagem. Nele encontramos histórias que, através de arquétipos, mitos e lendas, teriam a finalidade de despertar, segundo a autora, a "mulher selvagem" que vive em cada mulher. "As histórias têm a intenção de devolver o movimento à vida interior." (ESTÉS, 1994, p. 81). Neste livro, a autora estimula as mulheres a viverem de forma mais livre e saudável, através da valorização do feminino e do autoconhecimento. Embora essa seja uma ideia pessoal da autora, ela aborda temas que podem ressoar com mulheres de diferentes faixas etárias. Através de suas palavras, ela critica os valores patriarcais e questiona a "domesticação" das mulheres ao longo do tempo. Ela explora assuntos como relacionamentos, autoestima, espiritualidade, empoderamento, medo, depressão, bloqueio da criatividade e muito mais, oferecendo perspectivas e insights que acredita serem relevantes para um grande número de mulheres.

---

<sup>1</sup> Apresentação do Simpósio Temático Fazendo Gênero  
<https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/apresentacao>

Este livro também ganhou bastante visibilidade quando a atriz Emma Watson passou a integrar o quadro de embaixadoras da ONU Mulheres, e, à frente do projeto He for She<sup>2</sup> criou o "*Our Shared Shelf*", clube do livro<sup>3</sup> voltado para discussão de temas ligados ao feminismo, disponibilizando em sua prateleira virtual para a discussão o livro "Mulheres que correm com lobos". Conforme Estés vemos aqui:

Os contos de fadas, os mitos e as histórias proporcionam uma compreensão que aguça nosso olhar para que possamos escolher o caminho deixado pela natureza selvagem. As instruções encontradas nas histórias nos confirmam que o caminho não terminou, mas que ele ainda conduz as mulheres mais longe, e ainda mais longe, na direção do seu próprio conhecimento (ESTÉS, 2014, p.10).

Estés compara mulheres com os lobos, afirmando que ambos possuem semelhanças, e que tanto um como outro sofreram perseguição e foram marginalizados. Já no início do livro, afirma que mulheres saudáveis preservam uma natureza selvagem e maior conexão consigo mesmas, mas, mesmo as mulheres que chama de domesticadas, ainda possuem seu lado selvagem no interior delas, apenas precisam aprender a se reconectar com esta natureza que lhes é inerente. A autora afasta a noção de selvagem do seu sentido negativo, evidenciando características que considera positivas, como: percepção aguçada, coragem, resistência, força, a importância de "farejar" e confiar no instinto, curiosidade e intuição própria, ampliação da consciência, entre outros, assim como qualidades que os lobos também possuiriam. Um dos contos mais importantes e discutidos nas rodas do Sagrado Feminino é o "Barba Azul":

Talvez o mais importante seja o fato do Barba-azul trazer ao nível do consciente a chave psíquica, a capacidade de fazer qualquer pergunta a respeito de nós mesmos, da nossa família, dos nossos projetos e da vida como um todo. Depois, como um ser selvagem que tudo fareja, que cheira em volta, debaixo e dentro para descobrir o que uma coisa é, a mulher está livre para encontrar respostas verdadeiras para suas perguntas mais profundas e mais sombrias. Ela está livre para arrancar os poderes daquilo que a assolou e para voltar esses poderes, que antes foram empregados contra ela, para os excelentes usos que lhe forem mais convenientes. Assim é a mulher selvagem (ESTÉS, 1994, p.82).

É possível encontrar um vasto material sobre o Sagrado Feminino em qualquer ferramenta de busca da internet. No google, por exemplo, aparecem mais de 20.000 publicações sobre o Sagrado feminino e pelo menos 329.000 sobre o livro "Mulheres que

---

<sup>2</sup> Lançado pela ONU Mulheres em 2014 como um movimento de solidariedade para envolver toda a sociedade, inclusive os homens e meninos, na promoção da igualdade gênero, ele agora parte para uma etapa nova: é hora do chamado à ação pelos direitos humanos das mulheres e meninas.  
<https://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>

<sup>3</sup> Clube do livro Emma Watson <https://vogue.globo.com/marcas-parceiras/noticia/2017/06/o-clube-do-livro-de-emma-watson.ghtml>

correm com lobos". É possível também encontrar diversos clubes de livros, podcasts e audiobooks dedicados à obra. No YouTube, plataforma de vídeos online em que usuários podem assistir e compartilhar seus vídeos pela internet, e que possui mais de um bilhão de usuários pelo mundo, quando se busca pelo livro "Mulheres que correm com lobos", já na primeira página aparecem mais de 50 vídeos sobre o assunto (infelizmente a plataforma não informa o total de vídeos que possui sobre o tema). No Instagram, a hashtag<sup>4</sup> #mulheresquecorremcomlobos reúne pelo menos 273.258 postagens e #sagradofeminino, 1.168.179 publicações.

Continuamente foi possível observar a multiplicação de grupos, discussões, cursos, vivências, workshops e e-books em torno do Sagrado Feminino, não somente em ambientes terapêuticos, mas também nas redes e plataformas online. Outros livros nativos também surgem com bastante destaque e vêm sendo constantemente reeditados e vendidos, como "Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: Práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina" de Mirella Faur<sup>5</sup>. O livro traz um contexto histórico de como o feminino sofreu ao longo da história da humanidade e também ensina sobre como criar círculos femininos<sup>6</sup> que resgatam essa sacralidade feminina perdida. A autora compartilha conhecimentos e experiências sobre esses círculos sagrados de mulheres e preconiza a ideia de que as Deusas representam a natureza como a Grande Mãe criadora, uma força imanente e onipresente, e todas as mulheres são reconhecidas como parte desse divino. Outro livro bastante utilizado nas rodas de mulheres é o "Lua Vermelha" de Miranda Gray<sup>7</sup>, que traz o conhecimento do Sagrado Feminino com o intuito de aproximar as mulheres contemporâneas de seus ciclos menstruais e sua feminilidade através de simbologias, mitos e exercícios práticos:

*Lua Vermelha* foi publicado em um momento no qual muitas mulheres exploravam a espiritualidade feminina e escreviam sobre ela. Minha esperança àquela altura era de que ele se tornasse parte de um movimento que visasse

---

<sup>4</sup> Hashtag é um termo ou expressão antecedido pelo símbolo da cerquilha ou jogo da velha (#), usado nas redes sociais com o objetivo de direcionar o usuário para uma página de publicações relacionadas ao mesmo tema ou discussão. Assim, ao utilizar a cerquilha seguida da palavra-chave desejada, sem espaçamento entre palavras, seu uso vai aumentar a probabilidade do conteúdo postado ser visto por mais pessoas para além dos seus seguidores. <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-hashtag/>

<sup>5</sup> "Mirella Faur é uma autora, terapeuta e pesquisadora romena naturalizada brasileira conhecida por seu trabalho nas áreas da espiritualidade, xamanismo, Sagrado Feminino e psicologia transpessoal." <https://www.teiadethea.org/mirella-faur/>

<sup>6</sup> "O Círculo Sagrado de Mulheres é um encontro feminino do qual participam mulheres que possuem os mesmos propósitos, ou seja, buscam dentro de si a força necessária para continuarem as suas jornadas." <https://www.eusemfronteiras.com.br/circulo-sagrado-de-mulheres-despertando-o-autoconhecimento/>

<sup>7</sup> "Miranda Gray é uma autora e ativista britânica conhecida por seu trabalho na área dos ciclos menstruais e da espiritualidade feminina". <https://www.mirandagrays.co.uk/>

trazer o ciclo menstrual de volta a seu lugar de direito na sociedade e na cultura, como uma fonte incrível de criatividade, inspiração e sabedoria, capaz de apoiar e ajudar o crescimento social. Eu gostaria de ver o ciclo menstrual ser ensinado nas escolas como algo mais que um simples processo biológico e de ver as mulheres usarem seu ciclo natural e as energias de seu ciclo menstrual de forma ativa em sua vida cotidiana. Eu queria que o ciclo menstrual se tornasse um assunto popular (GRAY, 2017, p.17).

Assim como nota Miranda Gray, há outros livros que surgiram com essas propostas de valorizar o feminino, aproximar a mulher de seus ciclos que vão além dos processos biológicos, e que buscam resgatar a sabedoria do feminino. Os livros possuem a intenção de um certo despertar. Alguns exemplos de livros foram citados por Damm em sua dissertação de mestrado:

No fim do século passado é notável o surgimento de um número crescente de livros, majoritariamente escritos por mulheres, que tratam de conceitos de Sagrado Feminino e Arquétipo Feminino. (...) Como em *When God Was a Woman* (1976), de Merlin Stone; *The Spiral Dance* (1979), de Starhawk; *Drawing Down the Moon* (1979), de Margot Adler; *Goddesses in Everywoman* (1984) e *Gods in Everyman* (1989), de Jean Shinoda Bolen; *The Great Cosmic Mother* (1987), de Monica Sjoo e Barbara Mor; *The Chalice and the Blade* (1987), de Riane Eisler; *The Civilization of the Goddess* (1991), de Marija Gimbutas; *Myth of the Goddess* (1991), de Jules Cashford e Anne Baring, entre outros (DAMM, 2019, p. 37 ).

Podemos observar que a produção literária em torno do Sagrado Feminino tem se expandido de forma significativa e, ainda que academicamente seja incipiente, há uma multiplicidade de produções, sejam elas literárias ou nas redes e plataformas online.

Partindo da observação das redes sociais, tem-se visto a crescente popularização de hashtags com “sagrado feminino”, “feminismo”, “ginecologia natural”, entre outros. Percebemos também um aumento, entre mulheres de camadas médias, de buscas por grupos que visam discutir a temática de cuidado com o próprio corpo e saúde da mulher, como a ginecologia natural e os círculos de mulheres com intuito de partilha e rede de apoio, sendo eles feministas ou do Sagrado Feminino, assim como tentativas de unir tanto o feminismo como o SF em grupos autodenominados como 'Sagrado e Feminista'.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo explorar como temas relacionados ao Sagrado Feminino tem aparecido na rede social do Instagram, e também a convergência e divergência de ideias presentes no Sagrado Feminino em relação ao feminismo, mais especificamente feminismo da diferença e ecofeminismo. A dissertação está dividida em cinco capítulos. Iniciamos o primeiro capítulo expondo algumas noções básicas sobre o movimento Romântico e o movimento Nova Era e o Sagrado Feminino. Dessa forma explorarei uma série de conceitos relacionados ao romantismo e de que maneira essas

concepções românticas forneceram um alicerce fundamental para o surgimento do movimento Nova Era e do Sagrado Feminino.

No segundo capítulo, apresentamos importantes referências que abordam a conceitualização geral do feminismo, assim como do ecofeminismo e feminismo da diferença como segmentos do feminismo. Com o intuito de tentar localizar o Sagrado Feminino dentro do feminismo, apresentamos essas correntes feministas como as mais próximas do Sagrado Feminino.

O terceiro capítulo foi reservado para a metodologia, em que foi feita uma pesquisa sobre a literatura acadêmica relacionada ao Sagrado Feminino, além de explorar outras fontes literárias relacionadas ao mesmo tema. Complementarmente foi feita uma exploração de sites e páginas do Instagram. Utilizando a metodologia da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), realizei uma leitura atenta e contínua ao longo de vários meses, explorando e acompanhando uma extensa quantidade de páginas e postagens relacionadas à hashtag #sagradofeminino.

O quarto capítulo está dedicado à apresentação e análise de dados. Nele foram apresentados imagens retiradas dos perfis selecionados do Instagram, com os temas que mais aparecem dentro do Sagrado Feminino, a fim de ilustrar a discussão à luz do feminismo. Os grandes temas foram divididos em: Menstruação/lua; sabedoria ancestral, empoderamento e autocura e feminino.

## 1 OS MOVIMENTOS

### 1.1 Romantismo

Neste capítulo pretendo apresentar noções básicas acerca do romantismo e como as concepções de mundo românticas serviram de fundamento ideológico para o surgimento do movimento Nova Era e do Sagrado Feminino. Visando um melhor encadeamento das ideias, entender a estrutura basilar do pensamento romântico, e como ela se relaciona com a disseminação dos pensamentos e práticas relacionados ao movimento Nova Era, pode ser de grande valia para compreender os princípios do Sagrado Feminino na atualidade.

Para me referir ao romantismo na sua relação com o movimento Nova Era vou me servir de dois autores que discutem essa temática: Colin Campbell e Luiz Fernando Dias Duarte. De forma simplificada e mais generalista, o romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico que surgiu em meados do século XVIII, no momento em que ocorreram grandes transformações no Ocidente, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Assim, o movimento romântico foi caracterizado pela valorização da criatividade, das emoções, das experiências sensoriais, da natureza, da subjetividade e singularidade, liberdade de expressão entre outros.

À vista disso, Duarte (2004) demonstra que a primeira grande característica do romantismo foi sua reação contra o universalismo, ainda que englobado por ele justamente por se opor a ele sistematicamente. Ele também destaca que a crítica romântica não superou o domínio das ideias universalistas objetivistas, e sim, que há uma tensão permanente entre essas duas, ainda que elas não operem de forma equilibrada, já que o romantismo pode ser considerado como um contraponto (uma reação) ao universalismo racionalista. O pensamento iluminista prega que a razão é a única maneira de se conhecer algo, que há uma verdade objetiva, imutável, uma "cultura objetiva".

A razão e a ciência buscam descobrir princípios universais, que seriam válidos para toda a humanidade. Já no pensamento romântico há uma "cultura subjetiva" em que a experiência é subjetiva, pois depende do olhar do sujeito, valorizando a subjetividade. "A ênfase na experiência é a base da epistemologia romântica. Ela implica a recusa de uma objetividade externa absoluta do processo de conhecimento ou da prática científica, em nome de uma consideração constante dos processos subjetivos em jogo na relação com o mundo exterior." (DUARTE, 2004, p.11).

Outra proposição que o autor apresenta em relação ao romantismo, é sobre a noção de totalidade. Neste contexto, a totalidade refere-se a uma visão de mundo que entende a realidade como um todo que está conectado. Acredita-se em uma unidade subjacente a todas as coisas, uma visão holística do mundo, em contraste com uma perspectiva fragmentada e racionalista da realidade. Para Duarte, as nações, culturas, organismos e obras de arte possuíam uma identidade própria, mas também estavam inseridas em um contexto mais amplo e interdependente. Duarte expõe que: "Tudo o que disse há pouco sobre as totalidades românticas pode deslizar para a ideia de singularidades: nações, culturas, organismos e obras de arte só são compreensíveis como totalidades na medida em que se apresentam como singularidades nas sequências dos seres de seu mesmo nível ontológico." (DUARTE, 2004, p.9). Dessa forma, no romantismo há essa crítica à fragmentação e segmentação do mundo, como no modelo Newtoniano referente aos corpos celestes, que enfatiza as partes. Nas palavras de Duarte:

Sua fórmula típica originária, a da cosmologia de Newton, pressupunha também "elementos" isolados (os corpos celestes), articulados em sistemas graças à ação de certas forças naturais. A denúncia da perda implicada por essa fragmentação do mundo, por essa ênfase na segmentação dos elementos constitutivos de todos os entes, é a fórmula básica do romantismo. Perda sobretudo do sentido específico que a co-presença dos elementos na totalidade acarretaria. A totalidade perdida (e a ser recuperada) podia – e pode – ser encontrada em muitos níveis. (...) O valor da totalidade, do holismo, assume frequentemente no romantismo a conotação de unidade, sobretudo no que se refere aos estados originários dos entes ou dos fenômenos. Uma unidade primordial a partir da qual pode se ter dado a diferenciação histórica, com implicações positivas ou negativas (DUARTE, 2004, p.8-9).

É importante dizer que o romantismo não era contra a ciência. No geral, podemos dizer que o romantismo enfatiza uma perspectiva mais subjetiva da experiência humana, valorizando a intuição e a individualidade. Embora houvesse essa tensão com os princípios do movimento iluminista e uma crítica ao modo racionalista de ver o mundo, os românticos buscavam uma observação científica pela subjetividade. Segundo o autor, a chamada "compreensão" como método científico levava em conta o estranhamento de todos os atos na dimensão vivencial, subjetiva, a qual teve grande influência nas ciências humanas. Nas palavras de Gusdorf (1985) citado por Duarte (2004):

Desde suas primeiras manifestações expressou o romantismo as marcas do dilema imposto pelo fato de ser englobado pelo universalismo: tratava-se de denunciar os excessos do materialismo, as ilusões de um objetivismo ingênuo, mas não se tratava de restabelecer os privilégios incontestados da religião ou de retornar mecanicamente a um perdido passado místico. O valor da constituição de uma ciência, de um saber leigo sistemático, foi frequentemente mantido, e toda uma tradição de diálogo com os pesquisadores, as técnicas e as problemáticas universalistas se constituiu e manteve, serpenteando pelas

especialidades, universidades, laboratórios, técnicas e ênfases doutrinárias. Além do mais, essa “ciência romântica” (a *Naturphilosophie* alemã) influenciou, por sua vez, as orientações mais universalistas de modo extremamente vívido, de tal sorte que a evolução de todas as ciências – e não apenas das humanas – ao longo do século XIX foi um resultado complexo dessa interação (cf. Gusdorf, 1985 *apud* Duarte, 2004, p.12)

Uma reflexão interessante que o autor nos traz é que: “Os princípios românticos no pensamento ocidental tomaram a forma do que hoje se denomina pós-modernismo, ou seja, de uma crítica do universalismo em nome da singularidade, da intensidade e da experiência.” (DUARTE, 2004, p.16). Em virtude disso, comenta que, após a Segunda Guerra Mundial, houve uma retomada dos princípios românticos no pensamento ocidental, conhecida como pós-modernismo, que criticava o universalismo em favor da singularidade. O que ele acha conveniente chamar de neo-romantismo, pois aponta os valores românticos na contemporaneidade. No entanto, o autor destaca que essas correntes não têm consciência de sua filiação romântica, devido a rupturas históricas no século XX. Tal qual certas disciplinas, como a psicanálise e antropologia social ou cultural, que também não reconhecem sua ascendência. Isso significa que frequentemente é necessário fazer um esforço para destacar a influência do movimento romântico nessas áreas. (DUARTE, 2004, p.16).

Na segunda parte do livro "A ética romântica e o espírito do consumismo moderno", no capítulo "A ética romântica", de Colin Campbell, ele aponta as caracterizações sobre o romantismo, que geralmente é relacionado como uma reação contra o iluminismo, mas que também nasce dele devido à crítica ao cientificismo e materialismo como afirmou Duarte. Durante o período de ascensão do capitalismo, com a Revolução Industrial no século XVIII na Europa, pôde-se observar a emergência do romantismo, no qual se enfatiza o individualismo. Esse mesmo que outrora caracterizou o Iluminismo, agora passa a ser uma doutrina voltada para a singularidade e peculiaridade de cada pessoa, mais que nos aspectos compartilhados com toda a humanidade (CAMPBELL, 2001, p.257). Essa ênfase no individualismo pode ser compreendida através de teorias convenientes, como a teoria sociológica de Max Weber, que discute o surgimento do individualismo como uma resposta à racionalização do mundo e à crescente burocratização da sociedade moderna. Segundo Campbell sobre as ideias do romantismo:

Como Gauderfroy-Demombynes o exprimiu, “o romantismo é um modo de sentir, um estado mental em que a *sensibilité* e a imaginação predominam sobre a razão, e tende para o novo, para o individualismo, a revolta, a fuga, a melancolia e a fantasia”. Outras características típicas desse modo de sentir seriam: a insatisfação com o mundo contemporâneo, uma inquieta ansiedade em face da vida, uma preferência pelo estranho e curioso, uma inclinação para o

sonho e o devaneio, um pendor para o misticismo, e uma celebração do irracional. (CAMPBELL, 2001, p.254).

Outro fato importante sobre o romantismo que Campbell sublinha, é sobre os românticos terem sido influenciados pelo iluminismo, como já vimos anteriormente. Ele ressalta que essa influência decorre da importância dada pelos românticos à capacidade de questionar e duvidar, que se tornou fundamental em toda a sua experiência. Além disso, os românticos adotaram uma postura cética em relação à religião ortodoxa, em outras palavras, eles questionaram as bases tradicionais da religião. Nas palavras de Campbell:

Os românticos eram suficientemente filhos do iluminismo para terem ficado profundamente imbuídos de uma atitude cética para com a religião ortodoxa e, especialmente, para com a revelação em sua forma convencional. A dúvida, nesse sentido, era um dado fundamental de sua experiência. Ao mesmo tempo, eles ainda tinham como certa a associação entre a natureza e a verdade religiosa, que caracterizava o deísmo<sup>8</sup>. Também levaram adiante a tendência a admitir que a descoberta pessoal do divino podia ser feita por meio da observação direta de fora da natureza, ou de jornadas introspectivas por dentro da natureza, e as discrepâncias em quaisquer conclusões a que chegassem desse modo como se proviessem, afinal, da presença de um impertinente revestimento de civilização. Além disso, herdaram da teodicéia de Leibniz a tendência a equiparar o natural ao bom, rejeitando assim a oposição cristã e dualista mais antiga entre a carne e o espírito. (CAMPBELL, 2001, p.257).

Dessa forma, o romantismo vai se opor à ideia cristã dualista que separa o mundo material do espiritual, principalmente porque a natureza é vista como algo sagrado e bom, no qual o corpo faz parte desse mesmo todo, é uma unidade integrada com a natureza. Essa visão holística da vida, como veremos a seguir, fundamentam movimentos da Nova Era.

## 1.2. Nova Era

Campbell, em seu artigo “A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio”, explora o movimento Nova Era e articula como este movimento já fazia parte de uma ideia romântica pré-existente no Ocidente. Assim, ele comenta que a "orientalização do ocidente" seria mais que uma difusão de produtos orientais (temperos, iogurtes, sedas), de práticas (como a yoga, acupuntura, entre outros) ou de um sistema religioso como Hinduísmo ou Budismo. Ele observa que não seria uma "coca-colarização" invertida, porque dessa forma poderia ser apenas uma moda de elementos estrangeiros, que também passam por transformações na nova cultura, mas que

---

<sup>8</sup> O deísmo é um posicionamento filosófico que acredita na existência de um criador do universo. Diferentemente de outros pensadores, para os deístas, só é possível acreditar nesse criador por meio da razão e do livre exercício do pensamento. Conheça as características e os principais pensadores deístas. <https://www.todoestudo.com.br/filosofia/deismo>

por si só não seria responsável por alterar o sistema vigente. Campbell afirma que sucedeu uma mudança de paradigma cultural que predominou no Ocidente por aquele que predomina no Oriente:

Essa mudança radical tem sido, e continua sendo, ajudada pela introdução de ideias e influências do Oriente no Ocidente, mas o que tem sido de muito maior importância são os desenvolvimentos culturais e intelectuais dentro da própria civilização ocidental, desenvolvimentos que têm sido grandemente responsáveis por apressar esta mudança de paradigma (CAMPBELL, 1997, p.6).

O autor argumenta que há atualmente no Ocidente um “processo de orientalização” caracterizado pelo deslocamento da teodiceia tradicional por uma outra que é essencialmente oriental na sua natureza. (CAMPBELL, 1997, p. 5). Para tanto, ele traz estudos de Max Weber sobre as religiões como o cristianismo, judaísmo antigo, hinduísmo, budismo e religião chinesa, em que ele constrói um esquema de classificação e análise dessas religiões para entender a complexa relação entre a estrutura institucional socioeconômica da sociedade e de sua cultura. Através desse esquema, ele relaciona o problema da Teodiceia (tentativa de justificar Deus em face da presença do mal), e articula o argumento de que o divino no paradigma oriental é imanente em todas as coisas, em que o humano está incluído e faz parte do mundo, e no paradigma ocidental é transcendente, está separado do mundo e é controlado de cima.

Weber assume que, uma vez que as teodiceias tomaram esta forma básica, teria havido um processo de desenvolvimento cultural, ou racionalização, que as teria levado a uma evolução através das gerações, culminando nos sistemas logicamente fechados representados pela lei do carma, por um lado, e, por outro, a predestinação calvinista (CAMPBELL, 1997, p.7). Para Weber a predestinação calvinista decairia devido à razão e a ciência, como também pelas forças seculares. O que Campbell (1997) argumenta é que nos séculos XVIII, XIX e XX, houve um gradual abandono da teodiceia ocidental, por ideias com maior afinidade com o modelo oriental. Não foi apenas a secularização que desafiou a teodiceia calvinista, conforme sugerido por Weber, foram também as crenças alternativas como o Arminianismo. Nele enfatiza-se o amor divino como a característica predominante, e que os humanos por terem sido feitos à imagem de Deus, eram naturalmente bons, contrastando assim com a ideia anterior da justiça terrível de Deus.

Essa mudança de crença preparou o terreno para uma revolução ainda maior representada pelo Romantismo, que rejeitou as doutrinas cristãs literais e históricas, ao mesmo tempo em que manteve a crença na bondade da humanidade e na espiritualidade que conectava a natureza humana ao mundo natural. Assim, essa crença formou uma base

para a substituição da imagem transcendente tradicionalmente ocidental do divino pela imagem imanente oriental. Segundo Campbell, esse processo, embora tenha ocorrido ao longo de duzentos anos, agora está apenas começando a se tornar amplamente visível. Portanto, ele conclui que falar de "orientalização" não se limita apenas à introdução de ideias e valores religiosos do Oriente, mas refere-se ao processo pelo qual a concepção tradicionalmente ocidental do divino e suas relações com a humanidade e o mundo estão sendo transformadas.

De acordo com Campbell, além de Weber, outros pensadores também descreveram as crenças, valores e atitudes das civilizações do Oriente e do Ocidente. O contraste entre o pensamento oriental e ocidental foi explorado pelo trabalho dos psicólogos Gilgen e Cho (1979), que desenvolveram um questionário para comparar as duas abordagens nos anos 70. Eles identificaram as suposições básicas compartilhadas pelo Budismo, Taoísmo, Confucionismo e Hinduísmo como sendo características orientais, enquanto as religiões judaico-cristãs, e também o pensamento grego, foram considerados como representantes do pensamento ocidental (Gilgen e Cho, 1979:835). Com base em várias fontes, eles destacaram o "monismo" como a característica mais importante do pensamento oriental, em contraste com o "dualismo" presente no pensamento ocidental. (CAMPBELL, 1997). Gilgen e Cho resumiram a lista completa de crenças que diferenciam essas duas perspectivas da seguinte maneira, que pode ser vista no Quadro 1:

Quadro 1 – Proposições básicas entre o pensamento Oriental e Ocidental.

<b>Oriente</b>	<b>Ocidente</b>
Homem e natureza são um.	O homem tem características que o separam da natureza e do espiritual.
O espiritual e o físico são um.	O homem é dividido em corpo, espírito e mente.
Mente e corpo são um.	Há um deus pessoal que está acima do homem.
O homem deve reconhecer sua unidade com a natureza, o espiritual e o mental, ao invés de tentar analisar, rotular, categorizar, manipular, controlar ou consumir coisas do mundo.	O homem deve controlar a natureza para garantir sua sobrevivência.
Por causa de sua unidade com toda existência, o homem deve sentir-se à vontade em qualquer lugar e com qualquer pessoa.	O pensamento racional e a abordagem analítica para solucionar problemas devem ser enfatizados

A ciência e a tecnologia criam, na melhor das hipóteses, uma ilusão de progresso.	A ciência e a tecnologia têm nos dado uma vida boa e são nossa principal esperança num futuro ainda melhor
A iluminação envolve a aquisição do senso de unicidade com o universal; é um estado em que todas as dicotomias desaparecem.	A ação e o espírito competitivo devem ser recompensados.

Fonte: (CAMPBELL, 1997, p.8).

Campbell ressalta um ponto importante relacionado à representação rígida das religiões, destacando que a visão apresentada, assim como Weber pretendia, é um esquema idealizado e simplificado que não consegue abranger todas as complexidades e diversidades das religiões ao redor do mundo. No entanto, essa representação serve como uma ferramenta de apoio para compreender a evolução dessas religiões. O autor reconhece que qualquer esquema de classificação ou tipologia é uma simplificação necessária, pois é impossível abranger todas as nuances das religiões existentes. Portanto, é importante ter em mente que a exposição apresentada é uma construção didática que busca fornecer um quadro geral das religiões. Assim, o esquema proposto pode ser útil para identificar padrões, embora não seja uma descrição exaustiva da realidade. Em suma, Campbell nos alerta para a natureza simplificada dessa representação, mas destaca sua utilidade como uma ferramenta de compreensão e análise, reconhecendo suas limitações diante da vasta complexidade desses sistemas.

Outro ponto importante que Campbell nos traz, é sobre a "orientalização" e como ela já estava presente nas tradições culturais nativas no Ocidente. Essas desempenharam papéis importantes na transição de teodiceias, sendo elas o Neopaganismo, o Movimento Nova Era e Movimentos Ambientistas. O Neopaganismo é um movimento de retorno a um passado pré-cristão, "a teodiceia que dominou o Ocidente por dois mil anos é rejeitada não a partir de uma 'virada para o Oriente' ... mas sim, ao contrário, por uma 'volta' mais radical às tradições religiosas que o próprio Ocidente derrotou" (CAMPBELL, 1997, p. 13). Assim, ele coloca que esse tipo de espiritualidade é panteísta e imanentista e visa ser oposta à religião cristã que em sua essência seria vista como patriarcal, exploradora e antinatural. E nas religiões pagãs, a particularidade estaria na exaltação do caráter feminino das divindades. Campbell cita que:

A segunda corrente significativa prefere, ao retorno a um passado pré-cristão, a celebração do movimento em direção a uma 'Nova Era' e, assim fazendo, revela sua afinidade com os elementos progressistas e científicos da cultura contemporânea. Os movimentos religiosos chamados de 'Nova Era' podem ser vistos como essencialmente modernos, na medida em que manifestam um

individualismo e um otimismo extremos, enfatizam os valores progressistas do autodesenvolvimento e da autossatisfação, além de buscarem recompensas neste mundo (HEELAS, 1996, apud, CAMPBELL, 1997, p. 14).

E nos Movimentos Ambientistas, assim como Neopagão e Nova Era, existe uma conexão entre o misticismo e o respeito pela natureza em que o autodesenvolvimento pessoal está estreitamente ligado às ações ecológicas, em prol do equilíbrio entre homem e natureza. Há uma ideia de que toda vida no planeta está interligada, o que o autor coloca como sendo uma nova consciência ética para o novo milênio.

Em conclusão, podemos observar que essas diferentes expressões da "orientalização" do Ocidente refletem mudanças significativas nas crenças e valores religiosos, influenciando a forma como a espiritualidade é vivenciada e compreendida na sociedade contemporânea. Mas Campbell deixa um alerta que não é que essas crenças sejam novas, muitas delas já faziam parte da tradição cristã ocidental, o que é novo é o deslocamento dessas crenças de sua posição anterior, em que eram consideradas características de grupos cultos ou excêntricos, para sua posição atual na corrente principal das crenças. Essa mudança, datada nos anos 60 com a contracultura, trouxe uma ampla aceitação de crenças que costumavam ser confinadas a uma minoria.

Existem diversas práticas ligadas à visão monista do mundo, que tem como premissa básica o homem e Deus como uma unidade e postula que o humano é parte integrante da natureza e do universo, e, portanto, não se divide. Sendo assim, o bem-estar humano está diretamente ligado à natureza, sendo também importante saber preservá-la. Do mesmo modo, não há uma divisão entre mente e corpo, eles fazem parte de um mesmo sistema integrado. Podemos observar esse pensamento em diversas práticas como a meditação, astrologia, yoga, tarot, fitoterapia, Florais de Bach, Massagens terapêuticas, Tratamentos Ayurvédicos, entre outros, assim como no próprio Sagrado Feminino. Nas palavras de Campbell:

A atitude essencialmente neomística de uma psicoterapia contemporânea que busca a salvação nas supostas profundezas da própria consciência humana foi considerada, mais de uma vez, também como convergindo com uma forma hindu-budista de misticismo. Mas o que era então verdade para o movimento anterior também é verdade para seu sucessor Nova Era. (...) Assim, para de novo nos referimos aos movimentos acima identificados, está claro não só que existe uma conexão íntima e duradoura entre misticismo e um respeito pela natureza, mas também que o movimento neopagão é virtualmente inseparável de um ambientalismo espiritualmente informado (CAMPBELL, 1997, p. 14).

Veremos aqui como as convenções do Movimento Nova Era estão profundamente enraizadas no pensamento romântico. Segundo Tavares, Duarte, Cognalato (2010, p.181)

"nos estudos sobre Nova Era percebe-se um “eixo histórico” romantismo – novo espiritismo – contracultura – Nova Era, sendo a contracultura seu marco mais recente e o que mais o impulsionou." Nas palavras dos autores:

Assim, as raízes mais próximas da nova era estão na contracultura. Entretanto, este processo de renovação espiritual e de procura por trajetórias místicas não é somente fruto da efervescência da contracultura. O romantismo se constitui como outra grande fonte de influências históricas sobre a nova era. Assim como o *new spiritualism* – vertente religiosa-espiritual que apresenta uma inflexão à ortodoxia católico-protestante e ao cientificismo positivista –, o romantismo também deixa raízes no espiritualismo anglo-saxão, no espiritismo francês e na teosofia, além de outros grupos cristãos pós-protestantes (D’ANDREA, 1997, apud TAVARES, DUARTE, COGNALATO, 2010, p.181).

Embora algumas ideias românticas, ou neorromânticas, como a busca da valorização da natureza e o teor místico, possam ter influenciado o pensamento da Nova Era, há uma certa complexidade em definir o movimento. Mas podemos entendê-lo como um movimento espiritual e pluricultural surgido no século XX. Ele se caracteriza por uma abordagem holística e valoriza a pluralidade de crenças, adicionando distintas tradições religiosas, sobretudo esotéricas. Evidencia uma conexão com a natureza e adota diversas práticas como meditação, terapias alternativas, astrologia, cristais, florais de Bach, tarot, entre outros. Especula-se que tenha surgido por volta da década de 1960 e 1970, influenciado pelo movimento de contracultura.

De uma forma geral, a contracultura mobilizou um clima de insubordinação aos padrões vigentes, estimulando as mais diversas experiências a partir de combinações estéticas, alucinógenas, espirituais. Desvela-se, assim, um contexto propício à intensificação e o conseqüente reconhecimento das hibridizações. As intensas experimentações que começam a proliferar nos anos 1970 são indicativas de novas configurações da experiência religiosa que, ancorada na centralidade da experiência, promove a mistura de várias tendências (D’ANDREA, 1997, apud TAVARES, DUARTE, COGNALATO, 2010, p.193).

Baseado em diversos tipos de práticas esotéricas e holísticas, pode-se dizer que o movimento Nova Era é um estilo de vida alternativo que promove sobretudo uma busca por autoconhecimento, autocuidado e cura. Há também uma distinta noção de saúde, como estado de conexão com a própria natureza e, portanto, uma “consciência ecológica” que contrasta tanto com as religiões tradicionais, como a medicina tradicional ocidental, e também está associada a uma visão positiva. Essa visão positiva da vida está baseada na ideia de auto evolução espiritual, que equilibra o desenvolvimento pessoal com a harmonia com a natureza. A ideia de respeito à natureza traz essa perspectiva ecológica, que deve haver respeito com todas as formas de vida do planeta, e confirma essa visão positiva da vida. “Descrever sucintamente um fenômeno tão variado como a Nova Era importa

necessariamente uma redução de sua diversidade, uma caracterização pessoal e profissional e uma simplificação de sua complexidade." (CAROZZI, 1999). A dificuldade em definir este fenômeno de "culturas da Nova Era", segundo Maluf (2005), se dá principalmente por ser um campo vasto de experiências e discursos que se combinam, entre o terapêutico e o espiritual, e que se une aos processos de autoconhecimento com as espiritualidades. Carozzi cita York sobre a rede internacional de indivíduos:

O núcleo da base organizacional do movimento Nova Era, frequentemente denominado "complexo alternativo" ou "circuito alternativo", está constituído por uma rede internacional de indivíduos, majoritariamente habitantes urbanos do ocidente, com altos graus de educação formal, que participam, geralmente, de maneira intercambiável como consultores e consulentes; coordenadores e participantes de workshops; conferencistas e membros de auditórios; mestres e discípulos; terapeutas e pacientes; difusores e leitores de uma ampla variedade de disciplinas e técnicas nutricionais, terapêuticas, psicoterapêuticas, do movimento corporal, esotéricas e místicas orientais (York, 1995 apud CAROZZI, 1999, p. 9).

Vale destacar que as origens norte americanas deste movimento têm como base a comunidade orientalista e contracultural Esalen<sup>9</sup>, que foi um laboratório de combinação de práticas dirigidas, dentre muitas coisas, à espiritualidade oriental, ao contato corporal, à harmonia com a natureza e à crença na energia universal (CAROZZI, 1999).

Nesse contexto, podemos fazer uma correlação entre o movimento Nova Era com o Sagrado Feminino, visto que nele existem práticas e rituais que promovem uma conexão com os elementos da terra e buscam entender o que consideram como os "ciclos naturais" femininos (menstruação, gestação, entre outros), estando ligados à natureza (como os ciclos lunares e estações do ano). Assim como as correntes neopagãs e movimentos da Nova Era, citados por Campbell, valorizam a conexão com a natureza como parte integrante de suas práticas espirituais. O Sagrado Feminino frequentemente enfatiza a importância do respeito pela natureza, reconhecendo a interconexão entre os seres humanos e a natureza. Portanto, a conexão entre misticismo e respeito pela natureza informado nos movimentos neopagãos e na Nova Era é uma forma de expressão também encontrada no sagrado feminino. Tendo isso em vista, voltamos aqui ao texto de Campbell, que, estudando o movimento neopagão, afirma que:

---

<sup>9</sup> Instituto Esalen é um local para realização de simpósios, seminários e workshops sobre tópicos como a Terapia Gestalt, medicina holística, meditação e filosofia oriental composto por uma série de salas de reunião, instalações hoteleiras e banheiras de hidromassagem situados em um afloramento rochoso na costa do Oceano Pacífico na região de Big Sur. É considerado a Meca da Nova Era e o viveiro do pensamento de ciência culto à carga. Ciência culto à carga compreende práticas que aparentam serem científicas mas que, na realidade, não seguem o método científico. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esalen\\_Institute](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esalen_Institute).

[...] Embora em alguns aspectos essas crenças confirmam com o pouco que se conhece sobre as formas de religiosidade pré-cristãs, sua afirmação também nutre-se do desejo de representar esses movimentos como radicalmente diferentes de um cristianismo visto como essencialmente explorador, antinatural e patriarcal. Esse último ponto significa que o movimento neopagão como um todo se caracteriza por uma tendência a enfatizar o caráter feminino da divindade, ao invés do masculino; isto é, uma ênfase que se articula com a alternância da transcendência para imanência, pois, como afirma Wendy Griffin(1995:40), referindo-se ao Goddess Movement, e a Deusa representa imanência e o fluxo de energia que conecta todas as coisas (CAMPBELL, 1997, p.13).

Levando em consideração esses aspectos, podemos perceber como o Sagrado Feminino descende tanto do Movimento Nova Era como do Movimento Neopagão, e pelo caráter diverso desses movimentos podemos afirmar que nem todas as práticas neles presentes corroboram com a perspectiva de valorização do feminino, ainda que seja possível observar que muitas delas vão em direção à ideia de equilíbrio entre energia feminina e masculina. Dentro do Movimento Nova Era, há uma busca por experiências espirituais pessoais, uma abertura para diferentes abordagens terapêuticas e uma valorização da espiritualidade como um caminho de cura e transformação. Ambos os movimentos compartilham uma visão mais abrangente da espiritualidade, e promovem uma visão mais centrada no indivíduo e em sua conexão com a energia universal.

bell hooks (2000, p. 151), expõe que o movimento feminista trouxe à tona uma crítica profunda em relação à religião patriarcal, o que teve um impacto significativo e alterou a maneira como a adoração religiosa era praticada. Essa crítica revelou como o pensamento dualista ocidental, que enxerga o mundo em termos de categorias binárias, como superior/inferior, bem/mal, estava na base ideológica de várias formas de opressão. Assim, para transformar nossa cultura de maneira mais inclusiva e igualitária, era necessário repensar a espiritualidade. As críticas feministas à religião patriarcal coincidiram com um movimento mais amplo em direção a uma espiritualidade da Nova Era, que buscava romper com as estruturas tradicionais e promover uma visão mais holística e igualitária da espiritualidade. Dessa forma, os adeptos dessa nova abordagem espiritual buscaram no Oriente por novas tradições espirituais e perspectivas desafiando a religião patriarcal.

Neste capítulo, podemos examinar como o movimento Nova Era pertence ao legado do movimento romântico, diante das ideias e práticas. Observamos que ambos são uma reação ao racionalismo e à visão materialista do mundo, assim como valorizam a importância da natureza e das emoções. Acredito que esta pequena análise serve como alicerce básico para compreender melhor a localização do Sagrado Feminino na atualidade.

### 1.3 Sagrado Feminino

Como observamos anteriormente, temos presenciado o movimento do Sagrado Feminino agregando cada vez mais mulheres, em especial de camadas médias urbanas (entre 20 e 40 anos), que procuram adquirir tanto conhecimento quanto autonomia em relação ao próprio corpo e à saúde, e que buscam por uma rede de apoio em comum para trocas dentro e fora do grupo. Essas definições por si só não explicam a especificidade do Sagrado Feminino, visto que podem ser encontradas em distintos grupos de mulheres, como por exemplo na ginecologia natural. Acredito que esse movimento tem um diferencial em relação a outros grupos, por possuir um certo teor místico misturado a uma busca de uma sabedoria ancestral, junto à ideia de reconectar-se com uma essência divina feminina. Esse conteúdo aparece bastante nos livros sobre o sagrado feminino, como o livro citado anteriormente da autora Mirella Faur, mas também é possível encontrar na maior parte dos perfis do Instagram. Nesse contexto, há uma representação de espiritualidade holística baseada no “resgate”, termo que será melhor explicitado mais à frente, de antigas tradições que estão ressignificando a imagem da mulher, oferecendo espaços de empoderamento, cura e celebração desse feminino divino. O "resgate" nas palavras de Faur<sup>10</sup>:

Resgata-se a sabedoria ancestral, ao reverenciar o legado criado e mantido ao longo do tempo pelas mulheres da antiguidade, apesar das perseguições religiosas e sociais e as condenações às fogueiras da Inquisição. Recuperam-se as antigas práticas de cura natural e as cerimônias e cultos dos ancestrais. (FAUR, 2011, p. 21)

Mas afinal, qual é a definição de Sagrado Feminino (SF)? A partir das minhas observações é possível afirmar que é uma corrente de mulheres que acredita na relação de um princípio feminino como um aspecto do divino, tendo raízes em várias tradições espirituais e religiosas, incluindo a adoração da deusa (termo nativo no SF) em culturas antigas. Nesses contextos, o Sagrado Feminino é frequentemente visto como uma representação dos aspectos nutritivos, vitais e criativos do divino, é como uma personificação do princípio feminino no universo.

O termo "Círculo de Mulheres" para o sagrado feminino, geralmente se refere a um grupo de mulheres que se reúnem em um ambiente seguro para compartilhar suas experiências, histórias, emoções e sabedoria. Esses encontros podem envolver diferentes

---

<sup>10</sup> Ver nota 5

práticas espirituais, meditação, rituais, danças, cantos, expressões artísticas, e até mesmo debates sobre questões relacionadas à feminilidade, empoderamento feminino, cura, ciclos femininos e muito mais. O objetivo desses círculos é criar um espaço em que as mulheres possam se conectar umas com as outras, proporcionando apoio mútuo. Embora o termo "Círculo de Mulheres" para o Sagrado Feminino seja comum e frequentemente utilizado para descrever esse tipo de prática, não é necessariamente um sinônimo.

Segundo Mesquita e Paiva<sup>11</sup> (2022), em seu artigo, os Círculos de Mulheres (ou Rodas de Mulheres) são uma forma contemporânea de vivenciar o sagrado. Os autores dizem que o sagrado, que antes estava fortemente ligado às instituições religiosas, agora é explorado de maneira individual e autônoma. Assim, os Círculos de Mulheres permitem que cada participante reconstrua sua própria experiência sagrada, utilizando referências religiosas diversas e combinando elementos de diferentes tradições. Dessa forma, é possível criar uma nova perspectiva do sagrado, personalizada e única para cada indivíduo. Em suas palavras:

Os círculos de mulheres podem ser compreendidos como reuniões de mulheres para a partilha de experiências pessoais, onde há um espaço seguro de fala e escuta. Além disso, caracteriza esses espaços a busca por uma “cura do feminino”, uma vez que se comunga da noção de que o feminino nas sociedades contemporâneas está ferido. Essa ferida/cura se relaciona tanto à dimensão física, como emocional e espiritual, sendo mediada por técnicas de autocuidado e autoconhecimento ligadas tanto a práticas e saberes tradicionais como às do universo esotérico. Entendemos que os círculos fazem parte de um movimento de resgate da “Tradição da Deusa” que desde a década de 1960, em diversos lugares do Ocidente, vem retomando saberes ligados a um culto da Grande-Mãe e que ampliam a noção de espiritualidade a práticas ligadas à expansão da consciência e à valorização de narrativas de um feminino poderoso, natural e sagrado. (MESQUITA E PAIVA, 2022, P.2).

Ao trazer o seguinte trecho de outra autora, buscamos enriquecer a compreensão do tema e contribuir para tornar uma visão mais abrangente sobre o Círculo de Mulheres. Segundo Ramirez Morales:

Nesse sentido, os círculos de mulheres representam não apenas uma forma alternativa de organização além das igrejas e dogmas, mas também espaços que buscam, por meio do discurso espiritual e da consciência corporal, novas concepções da feminilidade. Isso é alcançado por meio da ressignificação dos discursos aprendidos e difundidos pela cultura, gerando novas narrativas e o reconhecimento de seus próprios corpos e seu potencial criativo. Uma das ideias centrais dos círculos envolve o reconhecimento e a aceitação das mulheres nos níveis físico, sexual, psicológico, social e espiritual, onde as mulheres são consideradas como seres criadores, seres de luz, mestras, companheiras,

---

<sup>11</sup> Raquel Guimarães Mesquita é doutoranda em ciências sociais na Universidade Federal do Ceará e conduz a pesquisa de doutorado intitulada: "Da mulher à deusa: o Sagrado Feminino como produtor de novas subjetividades". Antonio Cristian Saraiva Paiva é professor da Universidade Federal do Ceará.

mulheres medicina, conciliadoras e portadoras de amor. Uma expressão comum nesses discursos é considerar a mulher como o agente libertador da consciência e da espiritualidade, sendo vista como o motor de mudança em direção a uma vida mais plena, equilibrada e integral. (RAMIREZ MORALES, 2015 p. 136, tradução nossa).<sup>12</sup>

Segundo Thainá Ribeiro<sup>13</sup> sobre os Círculos de mulheres:

Fruto das causas e condições que movimentaram o período da contracultura, os Círculos de Mulheres possuem características semelhantes a diversos movimentos que fogem das conceituações clássicas sobre religião, como o movimento nova era, ecofeminismo e espiritualidades femininas. Sendo assim, se auto-organizam como um movimento para mulheres, na grande maioria cisgênero, mas aberto para mulheres trans, que se encontram em espaços não-institucionais, articulando-se a partir de referências que emergiram na contracultura, bem como as que coemergem vinculadas à região do encontro, com bricolagem de religiosidade e saberes sobre o corpo (RIBEIRO, 2022, p.5).

Podemos observar tanto nas redes sociais do Sagrado Feminino, como em alguns livros do gênero, um discurso baseado na crença de uma expressão simbólica e arquetípica dessa divindade feminina, pregando que inúmeras tradições espirituais e religiosas ao longo da história a reverenciavam. Essas deusas que foram veneradas personificavam os aspectos da divindade do feminino, como a fertilidade, a sabedoria, a cura e a proteção. Conforme Mesquita e Paiva:

Há nesses espaços um objetivo mais profundo, procura-se neles uma “cura para o feminino”, cura esta que pode se expressar de modo físico, emocional ou espiritual. Essa noção de cura pessoal é um dispositivo que desencadeia uma reação mais ampla e em cadeia, em que a cura de uma mulher contribui para a cura de todas as mulheres e, logo, para a cura planetária (MESQUITA; PAIVA, 2022, p.5).

No sagrado, baseando-se nas religiões neopagãs, como vimos na seção anterior, as deusas eram adoradas em templos e rituais sagrados, em que as mulheres desempenhavam papéis centrais como sacerdotisas e detentoras da sabedoria espiritual. Assim, as práticas, rituais, rodas de conversa e cerimônias buscam honrar a sacralidade da feminilidade. Além

---

<sup>12</sup> En este sentido, los círculos de mujeres representan no sólo una forma alternativa de organización más allá de las iglesias y de los dogmas, sino espacios que buscan, por medio del discurso espiritual y de la conciencia corporal, nuevas formas de concepción de la feminidad. Esto a través de la resignificación de los discursos aprendidos y difundidos desde la cultura, mediante la generación de nuevas narrativas y del (re)conocimiento de sus propios cuerpos y su potencial creativo. Una de las ideas centrales de los círculos implica el reconocimiento y aceptación de las mujeres en los niveles físico, sexual, psicológico, social y espiritual, donde las mujeres son consideradas como seres creadores, seres de luz, maestras, compañeras, mujeres medicina, conciliadoras y dadoras de amor. Una de las expresiones frecuentes en los discursos es la de considerar a la mujer como el agente liberador de la conciencia y de la espiritualidad; se le considera como el motor de cambio hacia una vida más plena, en equilibrio y desde una perspectiva integral. (RAMIREZ MORALES, 2015 p. 136).

<sup>13</sup> Thaina Soares Ribeiro é doutoranda de antropologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisa sobre o Círculo de Mulheres em Salvador.

disso, as adeptas do SF entendem que ele tem sido, em grande parte, marginalizado pelo patriarcado. Acredita-se que reconhecer e valorizar a essência sagrada feminina pode desempenhar um papel vital na transformação da sociedade, à medida que colocariam os paradigmas patriarcais em xeque, visto que esses limitaram o potencial humano e a criação de um mundo mais justo, pois acredita-se que as culturas baseadas na supremacia da Deusa eram mais igualitárias.

A supremacia da Deusa no panteão e a reverência à mulher não implicavam em uma dominação social ou religiosa feminina, muito menos em um sistema matriarcal; a sociedade era pautada em valores de parceria e distribuição igualitária de tarefas e bens. As culturas antigas eram permeadas pelo respeito e veneração à vida, pela união e interação em vez de violência, combate e competição. Sem parecer comunidades idealizadas por imaginações fantasiosas de hoje, essas culturas apenas refletiam a antiga crença na “teia cósmica” regida por leis naturais e pela coexistência pacífica de todos os seres, filhos de uma mesma Mãe (FAUR, 2011, p. 23).

Com base no exposto, é muito comum observar que as mulheres no contexto do Sagrado Feminino se autointitulam como "sacerdotisas", sendo uma forma de reafirmar essa conexão com o seu sagrado. Essa autodenominação também reflete uma busca por reconhecimento, em que reafirmam sua capacidade de liderar cerimônias, rituais, curas e outros. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as mulheres no Sagrado Feminino utilizam o termo "sacerdotisa" para se descreverem. Algumas preferem outras designações, como curandeiras, bruxas, xamãs, entre outras. Designações essas que veremos mais à frente no capítulo 4 na análise dos dados.

Algumas pessoas associam o Sagrado Feminino ao conceito de Grande Mãe ou Mãe Terra, que é vista como fonte de fertilidade e doadora da vida. Também está associado ao conceito do divino feminino como uma força de equilíbrio no universo e como a contraparte do divino masculino.

O SF não é uma organização formal, tampouco presume estruturas rígidas e mestres pré-estipulados. Nas palavras de Faur:

Portanto, a espiritualidade feminina é também um caminho de resgate e afirmação dos valores sagrados da Terra, da Natureza e da mulher. O seu objetivo é promover qualidades maternas (como cuidar, proteger, amar) em uma estrutura não hierárquica, a reverência à Natureza, a interdependência entre todos os seres da criação, o respeito pela vida, a irmandade e a solidariedade entre as mulheres. Ela visa o direcionamento da energia grupal em ações e atitudes ecológicas, educacionais e comunitárias, que contribuam para a transformação de valores, hábitos e mentalidades atuais, e restabeleçam o equilíbrio, a preservação e a pacificação da Terra (FAUR, 2011, p. 21).

Corroborando com o tema, algumas pesquisadoras citam a obra de Marija Gimbutas<sup>14</sup> para validar e referenciar a ideia de uma sociedade baseada no culto às deusas e ao feminino. Gimbutas foi uma arqueóloga que produziu uma vasta pesquisa através de suas escavações de culturas do período Neolítico e da Idade do Bronze, na Europa Antiga. Sua pesquisa conta com mais de 20 livros, e no livro “The Civilization of the Goddess” (“A Civilização da Deusa”), ela postula um período da civilização baseado na agricultura, tecelagem e cerâmica, em que não havia sinal de guerras. Eram sociedades mais igualitárias, pois não havia hierarquias entre homens e mulheres, nem classe social, e a religião era baseada na figura da Deusa-Mãe, símbolo respeitado e sagrado. Gimbutas postula que o feminino tinha papel essencial, pois, em suas escavações pela Europa, encontrou centenas de esculturas e artefatos simbolizando o corpo feminino. Esse suposto modelo de sociedade matriarcal respeitava a natureza e vivia em comunhão com a terra até outros povos invadirem e imporem uma cultura bélica e patriarcal.

Segundo Daniela Cordovil<sup>15</sup> (2016), desde 1960 as espiritualidades femininas ou religiões da Deusa vêm sendo utilizadas de modo a representar os movimentos espiritualistas descentralizados e organizados por mulheres, a fim de cultuar as diferentes formas de sagrado feminino. "Mulheres contemporâneas buscam reviver esses cultos inspiradas em achados arqueológicos e na obra de estudiosos que construíram uma imagem mítica de um suposto matriarcado pré-histórico" (Eller, 1995; Christ, 1979 apud CORDOVIL, 2016, p.118). Segundo a autora:

Nestas antigas sociedades matriarcais, as mulheres seriam as grandes sacerdotisas, reverenciadas e sacralizadas pela sua capacidade de amamentar e gerar vida. As diversas estatuetas do Paleolítico chamadas Vênus, que mostram mulheres de seios e ventres fartos, foram tomadas como evidências deste suposto matriarcado pré-histórico. (...) Uma parte importante deste movimento envolveu a busca pela reconstrução da positividade do feminino, a partir de sinais diacríticos apoiados na experiência corporal da mulher, tais como a capacidade de engravidar, menstruar e amamentar. (CORDOVIL, 2016, p.118).

Cordovil (2016) expõe que por mais que a existência da sociedade matriarcal seja polêmica entre os pesquisadores dos campos da arqueologia, história e antropologia, as correntes neo-esotéricas e espiritualidades Nova Era postulam a mulher como ser sagrado. Ao longo do texto farei um breve resumo dessas novas espiritualidades Nova Era. Desta forma, podemos observar uma clara associação do Sagrado Feminino com as religiões Nova Era como por exemplo a Wicca.

<sup>14</sup> Quem foi Marija Gimbutas? Sinais fora do Tempo (Signs out of time), Vida da arqueóloga Marija Gimbutas (LEGENDAS PORTUGUÊS)

<sup>15</sup> Daniela Cordovil é Professora de Antropologia da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Surgida na Inglaterra dos anos de 1950, a Wicca é uma religião centrada na magia, vista no seu aspecto positivo, e no culto ao casal sagrado, o Deus e a Deusa, que são compreendidos como imanentes, ou seja, manifestados em todos os ciclos da natureza, especialmente nas alternâncias das fases da lua, entendidas como manifestações da Deusa; e das estações do ano, primordialmente relacionadas ao Deus. Na religião Wicca cultua-se o aspecto feminino da divindade que se manifesta, entre outras coisas, nos chamados mistérios femininos, como a menarca, a gravidez e a menopausa. A mulher é considerada fonte primordial da criação, uma vez que tudo emana dela, inclusive a divindade masculina, que é seu filho e consorte (CORDOVIL, 2015, p.2).

Em vista disso, como já exposto, podemos dizer que o Sagrado Feminino (SF) refere-se a uma filosofia seguida por mulheres que buscam se conectar com seu "sagrado" buscando as Deusas resgatadas de várias culturas, geralmente neopagãs, que trazem a espiritualidade feminina e fazem contraposição com a espiritualidade Judaico-cristã. Maira Ramirez Morales explica que:

[...] el llamado “Retorno de la Diosa” o del sagrado femenino, en el cual se plantea el surgimiento de una especie de feminismo místico que implica la toma de conciencia de las potencialidades humanas con el fin de transformar los estándares sociales, culturales e individuales que caracterizaron a la era masculina y así generar relaciones más armónicas entre hombres y mujeres. De acuerdo con este discurso, las mujeres tienen un papel protagónico en la construcción de una nueva era, y es a través de retomar los conocimientos que se presumen olvidados – sobre todo aquellos vinculados con la naturaleza - y la sensibilidad que se considera propia de lo femenino, que los cambios se generarían no sólo a nivel de la conciencia y del que tendrían la potencia de una transformación a nivel cósmico (RAMIREZ MORALES, 2016, p. 136).

Pode-se dizer que o chamado "Retorno da Deusa" ou como muito se diz nesses espaços, "o resgate do Sagrado Feminino" e do próprio "feminino", tem uma relação com essas formas de espiritualidades que têm como figura central a Deusa mãe, no qual o princípio feminino é valorizado e cultuado. Assim, apresenta uma associação direta da mulher com a Natureza, que é vista como equilibrada, sagrada e que foi suprimida pelas religiões judaico-cristãs, por isso o uso do termo "resgate" do sagrado. Como acredita-se que historicamente o Sagrado Feminino foi suprimido, restringindo e desvalorizado, esse resgate refere-se à busca da revalorização do feminino que foi "perdido".

É interessante comentar que nem todo grupo de mulheres que se reúne em valorização do feminino se autodenomina como pertencente ao Sagrado Feminino. Existem inúmeros grupos terapêuticos de mulheres, mas o que parece que esses grupos têm em comum é a afirmação da mulher como protagonista, a natureza como equilíbrio, além de trazer certa espiritualidade e algum teor místico.

Conforme observado anteriormente, parece haver uma conexão entre as práticas terapêuticas do Sagrado Feminino e o Movimento Nova Era, visto que ambos compartilham uma abordagem espiritual e terapêutica que busca o despertar da energia

feminina, o equilíbrio interior e a conexão com a espiritualidade de forma mais abrangente e pessoal. Como vimos, há uma busca em relação à conexão com a natureza e o todo, e também a denúncia (assim como no movimento romântico) à concepção de ciência mecanicista, buscando-se um novo modo de conhecer o mundo.

No Sagrado Feminino, a partir dos materiais levantados, as práticas terapêuticas podem envolver rituais, cerimônias, meditação, dança, arte e outras formas de expressão que visam despertar a consciência feminina e promover uma cura que pode ser emocional, física e/ou espiritual (Faur, 2011; Mesquita e Paiva, Ribeiro, 2022; Ramirez Morales, 2016; Ribeiro, 2022). Essas práticas geralmente enfatizam a importância do autocuidado, da conexão com a sabedoria ancestral feminina, além da honra à natureza. Um fenômeno que pode ser observado, principalmente através das redes sociais, é a multiplicação de práticas terapêuticas, dinâmicas, workshops e vivências. Assim como um vasta gama de oferta de cursos que visam tanto oferecer a vivência das práticas com foco na cura, como também formação de futuros terapeutas dessas práticas, que aprendem os conceitos base para que possam ser replicados no futuro para outros interessados. Esse nicho de mercado é amplamente presente em diversos perfis do Instagram que abordam o assunto, e, em geral, esses perfis vão além de oferecer conteúdo educativo e informativo, oferecem também essa gama de venda de serviços.

Essas terapêuticas<sup>16</sup> visam tratamento e solução para problemas femininos, sejam de ordem física, emocional ou espiritual. Muitas vezes as mulheres, por não encontrarem respostas para seus problemas na medicina tradicional, fogem desse eixo convencional para meios alternativos buscando novos caminhos para suas questões. Segundo Martins, terapias alternativas são sistemas de cura não convencionais inspirados em tradições orientais e ocidentais - espiritualistas, bioquímicas e psicológicas (1999, p.80). A maior parte dessas práticas não são conduzidas por profissionais da saúde, podendo estar ligadas a terapeutas holísticos ou não. Podemos dizer que essas práticas estão englobadas pelo "complexo alternativo", termo que Jane Russo em seu livro " O corpo contra a palavra: As terapias corporais no campo psicológico dos anos 80" propôs:

O boom das terapias corporais é um fenômeno que não se restringe ao campo "psi", fazendo parte, na verdade, de um boom mais amplo, de técnicas, práticas e crenças diversas, que constituem uma espécie de "complexo alternativo". Trata-se de um campo cujos contornos externos são pouco nítidos e cujas demarcações internas parecem estar sujeitas a variações e deslocamentos (RUSSO, 1993, p.111).

---

<sup>16</sup> Exemplos de práticas terapêuticas encontradas no Sagrado Feminino e outros grupos de mulheres: terapia com yoni eggs, terapia menstrual, pompoarismo, vaporização e limpeza do útero, uso de ervas medicinais).

Além disso, neste livro a autora apresenta a ideia de que há uma maior afinidade de pessoas nos segmentos mais psicologizados das camadas médias da sociedade com as práticas denominadas alternativas. Como vimos anteriormente, corroborado por Russo, há certa indeterminação das fronteiras das práticas alternativas, assim como um entrecruzamento de saberes, como terapêutico e religioso, que não se misturam aos saberes científicos tradicionais (RUSSO, 1993, p.113). Podemos perceber algo bem semelhante no que se trata do Sagrado Feminino, isto é, uma maior adesão de mulheres de camadas médias da sociedade.

Acrescenta-se também que muitas dessas práticas podem ser até distintas, mas têm uma linguagem em comum, que é o conceito de energia. Ela pode ser entendida neste contexto como energia universal que permeia todas as coisas e é responsável pela vida. Podemos observar que esse conceito atravessa diferentes estilos dentro das práticas alternativas, característica fundamental dentro no movimento Nova Era. Cada tipo de ação, terapia, pensamento, filosofia podem ter um nome distinto para "energia vital", "chi", "orgon" e "prana", mas a ideia de que ela é fonte de vida e conecta todas as coisas é bastante aceita no meio. Através das práticas (por exemplo acupuntura, meditação, yoga), acredita-se poder manipular essa energia visando saúde, mas também o bem-estar como um todo.

Acredito ser importante mencionar que a questão trans no movimento do Sagrado Feminino é um tópico complexo e variado, com diferentes perspectivas e abordagens dentro dessa comunidade. Vale destacar que algumas das principais facetas desta questão nem sempre envolvem a inclusão e aceitação. Porém, em muitas vertentes há um movimento em direção à inclusão e aceitação de pessoas transgênero. Muitas mulheres que praticam o Sagrado Feminino acreditam que a feminilidade é uma experiência que vai além da anatomia física, e, portanto, abraçam as identidades de gênero das pessoas trans. Há uma ideia de energia feminina que vai além da biologia e busca uma conexão com o divino.

É importante lembrar que o Sagrado Feminino é um movimento diversificado, e as opiniões e abordagens podem variar amplamente. Algumas comunidades são acolhedoras e inclusivas com relação às pessoas trans, enquanto outras podem ser mais restritivas.

Levando em consideração essas perspectivas que foram expostas, no movimento do Sagrado Feminino as práticas têm como objetivo conectar as mulheres ao seu divino (entendido como sua natureza), portanto há um sentido espiritual na busca dessa conexão

com a natureza. Muitas das práticas do Sagrado Feminino buscam essa conexão "mais profunda com a vida", além de alternativas para problemas cotidianos das mulheres, que são recorrentes, e muitas vezes não obtêm respostas na medicina tradicional. Não podemos esquecer do caráter social que ele representa para as praticantes, visto que há nos círculos de mulheres um apoio mútuo e sentimento de pertencimento ao grupo, fortalecendo os vínculos e empoderando as mulheres (RIBEIRO, 2022). É importante ressaltar que esta pesquisa não pretende esgotar completamente o tema do Sagrado Feminino. Devido à amplitude do assunto, assim como a dificuldade de encontrar materiais, e não ter podido participar das práticas, reconheço que existem várias perspectivas, dimensões e aspectos adicionais a serem explorados. O objetivo foi contribuir para a compreensão inicial e proporcionar uma visão abrangente das questões que mais apareceram durante a pesquisa.

## 2 FEMINISMOS

### 2.1 Feminismos / Ondas

Falar de feminismo não está entre os exercícios mais fáceis. Muitas vezes, o termo "feminismo" é empregado de forma imprecisa e desvinculada de seu verdadeiro significado. Isso pode levar a interpretações errôneas e a uma compreensão limitada do que o feminismo realmente representa. Conceituar o feminismo é uma tarefa desafiadora, pois a palavra é utilizada tanto para descrever uma ideia geral de igualdade de gênero e direitos das mulheres, quanto para se referir às várias práticas e ações realizadas pelo Movimento Feminista ao longo da história. O Movimento Feminista é uma luta social, política e cultural que busca alcançar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, combater a discriminação de gênero e questionar as estruturas de poder patriarcais que historicamente oprimem e marginalizam as mulheres. Entretanto, a utilização equivocada do termo pode levar a uma visão deturpada do feminismo, como se fosse uma ideologia que busca suprimir ou subverter os homens, o que é uma compreensão incorreta do movimento.

Partindo da origem das palavras, o feminismo enfrenta um desafio desde o próprio termo, que é controverso em si mesmo. Esse desafio pode ser ilustrado pelo equívoco de considerá-lo como uma mera oposição ao machismo. É comum associar a estrutura das palavras "machismo" e "feminismo", assumindo que uma seja o antônimo da outra. No entanto, embora esses conceitos tenham definições de natureza oposta, essa percepção generalizada é tão frequente quanto equivocada. Ao consultarmos o dicionário Priberam, encontramos as seguintes descrições, nesta ordem: *Feminismo - Movimento ideológico que defende a ampliação legal dos direitos civis e políticos das mulheres ou a igualdade desses direitos em relação aos dos homens. Machismo - Ideologia que sustenta a dominação social do homem sobre a mulher.* Essas definições evidenciam a oposição entre os dois conceitos, embora estejam distantes de capturar todas as nuances que essas palavras carregam. No campo político, essas noções exigem uma compreensão muito mais complexa para serem explicadas adequadamente.

Em resumo, a problemática começa com a própria nomenclatura do feminismo, que muitas vezes é erroneamente entendida como um simples contraponto ao machismo. No entanto, é importante reconhecer que o feminismo é um movimento que busca não apenas a igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas também a transformação de

estruturas sociais, culturais e políticas que perpetuam a desigualdade de gênero. De acordo com Daniela Rosendo<sup>17</sup>:

O feminismo, para Karen J. Warren, é um movimento pelo fim da opressão sexista, com o intuito de eliminar quaisquer fatores que contribuam para a dominação contínua e sistemática das mulheres pelos homens. Embora não haja consenso entre as feministas sobre a forma pela qual tal subordinação possa ser erradicada, o reconhecimento de sua existência e necessidade de sua abolição é consensual.<sup>2</sup> (ROSENDO, 2012, p.25).

Considerando-se que a história do feminismo é a própria história do Movimento Feminista, apresentarei um breve histórico das três ondas referentes ao feminismo, lembrando que foram nomeadas *a posteriori* e sua divisão histórica tem um propósito didático, visto que suas proposições coexistem e não se articulam numa lógica linear (KAPLAN 1992, apud NOGUEIRA, 2001). Longe de ser um projeto com um enfoque histórico como eixo central, acredita-se que tais informações colaborem com o objetivo deste trabalho.

A Primeira Onda<sup>18</sup> do feminismo surge no Século XIX, ganha força no início do século XX e refere-se principalmente à luta pelo sufrágio feminino, ou seja, pela reivindicação dos direitos políticos das mulheres. Elas lutaram também pelo acesso aos estudos, o direito a posses e o fim dos casamentos arranjados, o direito ao patrimônio, às propriedades e heranças de família; a Segunda Onda está ligada às ideias e ações associadas aos movimentos de liberação feminina iniciados na década de 1960 (no contexto pós-2ª Guerra Mundial) principalmente nos Estados Unidos e na França, e é compreendida entre o período que se estende da década de 1960 até a década de 1980 (Zirbel, 2021); a Terceira Onda, contemporânea, relacionada à desconstrução da feminilidade e do essencialismo, assim como a entrada do feminismo interseccional, do feminismo da diferença entre outros. É chamada por alguns autores de pós-feminismo, termo bastante questionado por outro conjunto de autores. Devido à riqueza do tema, não poderemos enunciar todos os movimentos e dar cabo de tantas questões que surgiram, assim pretendemos fazer apenas uma passagem ilustrativa a fim de contextualizar a questão central do trabalho (Pinto, 2003; Sarti, 2004).

Retornando, o machismo é uma ideologia que tem como preceito a opressão de gênero, baseada na ação que transforma diferenças em desigualdades, de forma que estas

---

<sup>17</sup> Daniela Rosendo é pesquisadora doutora e mestra em Filosofia, e graduada em direito.

<https://www.danielarosendo.com/>

<sup>18</sup> O que são as ondas do feminismo? <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>

são utilizadas para beneficiar um determinado grupo (Homens) em detrimento de outro (Mulheres). Já o feminismo, segundo Bell Hooks autora contemporânea,

[...] é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu alvo não é beneficiar unicamente um grupo específico de mulheres, qualquer raça ou classe particular de mulheres. Ele não privilegia mulheres acima dos homens. Ele tem o poder de transformar nossas vidas de maneira significativa. O feminismo como um movimento para acabar com a opressão sexista direciona nossa atenção aos sistemas de dominação e suas inter-relações de opressão de sexo, raça e classe. Portanto, nos compele a centralizar as experiências e os predicamentos sociais de mulheres que suportam o impacto da opressão sexista como uma forma de entendermos o status social coletivo de mulheres [de determinado país]. Definir o feminismo como um movimento para acabar com a opressão sexista é crucial para o desenvolvimento da teoria porque é um ponto de partida indicando a direção de exploração e análise. [...] A fundação do futuro da luta feminista precisa ser solidamente baseada no reconhecimento da necessidade em erradicar as bases e causas culturais subjacentes do sexismo e outras formas de opressão em grupo (Bell Hooks, 2000, p. 5).

Segundo Conceição Nogueira (2012), o mais adequado seria falar em “feminismos”, levando a crer que o conceito é uma construção sociopolítica plural quanto aos seus horizontes, em vez de uma identidade unívoca. Sob essa perspectiva, também há espaço para o reconhecimento de que o termo está em constante transformação e é ressignificado a cada geração. Existem inúmeras correntes feministas que se diferenciam tanto em relação ao que causa opressão à mulher, quanto aos caminhos para a desconstrução do machismo (Nogueira, 2012). Nas palavras de Adriana Piscitelli (2002, p. 2):

As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas sustentam, ao contrário, que essa subordinação é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado. Por esse motivo, o pensamento feminista colocou reivindicações voltadas para a igualdade no exercício dos direitos, questionando, ao mesmo tempo, as raízes culturais destas desigualdades. As feministas trabalharam em várias frentes: criaram um sujeito político coletivo -- as mulheres -- e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a sua subordinação. Ao mesmo tempo procuraram ferramentas teóricas para explicar as causas originais dessa subordinação.

O movimento feminista da segunda onda ganhou maior visibilidade na década de 70, mas teve seu pontapé inicial em 1949 com a obra célebre de Simone de Beauvoir, "O Segundo Sexo". Nesse influente trabalho, a autora iniciou discussões sobre a condição feminina e as relações entre os sexos. A frase marcante "não se nasce mulher, torna-se mulher" convocou uma reflexão profunda sobre a construção do papel social das mulheres, questionando a noção de uma essência feminina que aprisiona e inferioriza, assim como a

posição de subordinação em relação aos homens, criticando a ideia de que o destino das mulheres estaria ligado à sua anatomia. Cabe destacar que o ano de 1975 foi oficialmente declarado pela ONU como o Ano Internacional da Mulher, conferindo ainda maior visibilidade ao feminismo (SARTI, 2004).

A transição da segunda onda para a terceira onda do feminismo foi um processo complexo e multifacetado, impulsionado por mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas do século XX. Enquanto a segunda onda do feminismo, como já dito, que teve seu auge nas décadas de 1960 e 1970, focou principalmente na luta por direitos legais e igualdade de gênero, a terceira onda emergiu a partir dos anos 1990 com uma abordagem mais abrangente e inclusiva, considerando questões interseccionais e uma visão com mais diversidade e representatividade no movimento (Zirbel, 2021; Piscitelli, 2008).

Falar de uma identidade única das mulheres pode ser limitado por justamente não compreender a magnitude das diferenças, por não ser possível encontrar um sujeito único, a mulher. Hoje se fala em um feminismo interseccional<sup>19</sup> em que se afirma como o discurso universalizante é excludente, à medida que não engloba questões para além da opressão de gênero e aponta para as distintas maneiras em que as opressões atingem as mulheres. Sendo assim, se faz necessário incluir outros marcadores sociais como, raça, classe, orientação sexual, transgeneridade etc, entendendo que esses eixos se inter-relacionam e interferem na constituição dos sujeitos, não podem ser desconsiderados, pois revelam suas especificidades. Pensar em interseccionalidade é ampliar possibilidades de análise que contribuam para a reflexão sobre as desigualdades, e como essas formas de opressão ou privilégio atuam na vida social dos sujeitos através das relações de poder (Henning, 2015; Piscitelli, 2008).

É importante lembrar que também é dentro do movimento de terceira onda que surge o feminismo da diferença, que é uma perspectiva que valoriza as diferenças entre homens e mulheres, reconhecendo que as experiências femininas são distintas das masculinas e devem ser respeitadas e valorizadas. Essa abordagem critica a ideia de que as mulheres devem se assemelhar aos homens ou se adaptar a normas masculinas para serem consideradas iguais. Veremos mais adiante.

---

<sup>19</sup> A teoria sociológica sobre a interseccionalidade foi apresentada pela primeira vez pela teórica feminista Kimberlé Crenshaw, em 1989. Para saber mais sobre interseccionalidades: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>

Assim, dentro do movimento feminista, surgem divergências significativas em relação às questões das diferenças biológicas e da essencialização da natureza feminina, o que pode gerar tensões entre as próprias correntes feministas. Nesse contexto, considerar o feminino de forma universal pode ignorar a pluralidade presente na luta feminista. O Sagrado Feminino e o feminismo se destacam justamente por abordarem esses pontos, pois reafirmar a natureza feminina pode inadvertidamente fortalecer os estereótipos e os papéis sociais de gênero. Nesta análise, exploraremos como essas questões são debatidas e aprofundadas dentro do movimento feminista, e como a reflexão sobre o Sagrado Feminino desafia e enriquece essa discussão.

## 2.2 Feminismo da Diferença / Ecofeminismo

Historicamente percebemos que a medicina teve um papel contundente no desenvolvimento dos discursos que definiram o papel social feminino encerrado em sua biologia, ou seja, na construção da ideia de uma 'natureza feminina'. Para Martins (2014, p. 15), “os médicos não só estudaram a especificidade da mulher, a reprodução e as doenças ginecológicas, mas também formularam uma definição de seu ser social fundada na natureza, melhor dizendo, em seu corpo”. A partir daí, os fatores biológicos foram usados pela medicina para justificar a condição de submissão da mulher na sociedade. As reivindicações feministas têm marcado oposição à naturalização desses preceitos que geram opressão, questionando e travando lutas contra a desigualdade de gênero.

Desde a Segunda onda do feminismo, estamos discutindo o tema da naturalização do 'ser mulher' e de que não há nada de tão natural nisso, a dita natureza feminina é também apontada como uma construção social. Logo, a mesma via do empoderamento, reafirmando as diferenças biológicas para visibilizar e valorizar as experiências femininas poderia ser também uma nova roupagem para os velhos papéis de gênero? Concordamos com a afirmação de Sorj de que:

[...] a ênfase na dimensão natural do feminino deve ser tratada com muita cautela porque foi justamente ao redor desta idéia que se construiu um sistema de discriminações e exclusões, não apenas com relação ao gênero como também à raça e a vários povos. Mais ainda, atribuir ao natural uma dimensão absolutamente virtuosa é partilhar de uma visão romântica que desconhece que a natureza tanto pode ser fonte de vida como de morte, de criação como de destruição, de prazer como de sofrimento. (SORJ, 1992, p. 150).

É possível perceber essa grande tensão dentro das diversas correntes nos feminismos, assim, pretendo aprofundar a discussão entre o feminismo da diferença e as aproximações do Sagrado Feminino com esta corrente.

Acredito que uma parte importante desta pesquisa seja trazer ao debate a aproximação do Sagrado Feminino com o feminismo, mais especificamente, com a corrente chamada de feminismo da diferença e ecofeminismo (Sorj, 1992; Rohden, 1996; Schiebinger, 2001). Segundo Londa Schiebinger (2001), o feminismo liberal (também chamado "feminismo científico", "empirismo feminista", ou "feminismo de igualdade") tende a ver a uniformidade como o único terreno para a igualdade, e isto frequentemente requer que as mulheres sejam como os homens culturalmente ou mesmo biologicamente. Já o feminismo da diferença, como o nome indica, dá ênfase às diferenças entre homens e mulheres e prega que a experiência feminina seja visibilizada. Mais à frente comentarei sobre o ecofeminismo. No mesmo sentido, a respeito do feminismo da diferença, Fabíola Rohden observa que: "Essa nova perspectiva trazia propostas como a valorização da mulher como salvadora ecológica já que ela sempre teria estado mais próxima da natureza e mais distante dos processos de destruição ligados ao mundo público à sociedade industrial."(Rohden, 1996, p. 99).

Segundo Schiebinger, o feminismo da diferença abrangeria três princípios básicos:

Primeiramente, o feminismo de diferença divergia do liberalismo ao enfatizar a diferença, não a uniformidade, entre homens e mulheres. (Ele diferia da tradição mais antiga e mais profundamente arraigada do determinismo biológico, ao afirmar que as mulheres eram fundamentalmente diferentes dos homens, por força da cultura, não da natureza.) O feminismo de diferença também tendia a reavaliar qualidades que nossa sociedade desvalorizava como "femininas", tais como subjetividade, cooperação, sentimento e empatia. (Schiebinger, 2001, p. 24)

Essa dualidade entre diferença e igualdade abriu espaço para o surgimento de novas percepções acerca do gênero, dando espaço para outras correntes feministas. O Feminismo da Diferença "Trata-se de um movimento que busca igualdade a partir da manutenção da diferença entre os sexos e de uma espécie de inversão hierárquica que visa positivar valores associados ao feminino." (Dieguez, 2020, p. 13). Com isso poderemos observar as possíveis associações deste feminismo com o Sagrado Feminino.

É importante frisar que nem todas as mulheres dentro dos grupos autointitulados como Sagrado Feminino se declaram e se reconhecem como feministas, ainda que no interior das práticas se faça essa aproximação.

No livro "Elogio da Diferença" de Rosiska Darcy de Oliveira, são discutidos diversos aspectos relacionados à identidade feminina e ao feminismo. A autora aborda a busca das mulheres pela diferença como uma forma de identidade, indo além da igualdade que muitas vezes é buscada por meio de uma imitação dos padrões masculinos. Segundo ela, a contestação feminina, especialmente a partir dos anos 1970, não apenas afirma que as mulheres não são inferiores aos homens, mas também reconhece que não são iguais a eles. Essa diferença, ao invés de ser vista como desvantagem, contém um potencial crítico enriquecedor em relação à cultura. O movimento feminista da diferença, derivado do movimento pela igualdade, apresenta um questionamento mais profundo e traz a promessa de uma contribuição sociocultural original e subversiva.

No entanto, de acordo com Rosiska (2012), o processo de entrada das mulheres no mundo dos homens pode causar uma divisão interna, dilacerando a essência feminina. Ela aponta que as mulheres muitas vezes recorrem a abordagens teóricas masculinas para entender sua realidade complexa, mas essas abordagens podem obscurecer mais do que iluminar as áreas de sombra em que estão inseridas. Rosiska (2012) destaca que a identidade feminina é fundamentada em valores distintos, como ênfase nas relações interpessoais, cuidado com os outros, proteção da vida, valorização da intimidade e afeto, bem como gratuidade nas relações. Esses valores contrastam com a agressividade e competitividade do mundo masculino. Essa ideia é reforçada por Oliveira (2012, p. 120):

Esses valores são o fundamento da diferença. as mulheres são diferentes dos homens porque no centro de sua existência estão outros valores: a ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e o cuidado com o outro, a proteção da vida, a valorização da intimidade e do afetivo, a gratuidade das relações. em uma palavra, uma identidade que provém da interação com outros. Daí serem as mulheres mais intuitivas, sensíveis e empáticas. daí também, para voltar a um ponto sobre o qual já falamos longamente, o terrível sentimento de divisão, dúvida e confusão em que mergulham quando, em seu percurso de acesso ao espaço público, se veem obrigadas a confrontar seu modo de ser com as exigências de sucesso no mundo dos homens, marcado pela agressividade, competitividade, autocentração e eficiência (OLIVEIRA, 2012, p.120).

Oliveira argumenta que o feminismo da igualdade lutou pelo acesso das mulheres à educação, trabalho e política, além de defender a liberdade sexual e combater a subalternização da mulher. Assim, após a experiência de entrar no mundo dos homens, as mulheres estão em uma posição melhor para reavaliar e revalorizar seus próprios valores, contribuindo para um novo paradigma de convivência entre os gêneros e, conseqüentemente, para um novo perfil civilizatório. No entanto, ela também levanta preocupações sobre a institucionalização excessiva e o esmaecimento das diferenças de

gênero, que poderiam resultar na uniformização da sociedade e no enfraquecimento da cultura feminina (OLIVEIRA, 2012).

O conceito do projeto da diferença, conforme apresentado pela autora, reconhece a existência do universo feminino. Esse projeto destaca que a identidade feminina é moldada por experiências históricas, sociais e culturais, emergindo de corpos e psiquismos enraizados na história. Contrariando estereótipos que marginalizam as mulheres como seres frágeis e dependentes, o projeto enfatiza os valores intrínsecos à identidade feminina, buscando afirmar sua influência em todos os aspectos da vida social. (OLIVEIRA, 2012).

Em vez de limitar-se a essências estereotipadas, o projeto resgata as características únicas das mulheres – suas origens, identidade e formas de interagir com o mundo. Através da aceitação da incerteza e da indeterminação nos momentos de mudança e transformação, a autora argumenta que é responsabilidade das mulheres explorar um amplo campo de discussões sobre a convivência entre os sexos e o impacto dessas dinâmicas na estrutura da sociedade. Em essência, o projeto da diferença desafia paradigmas, valoriza as contribuições das mulheres e incentiva a busca por um futuro em que a coexistência de gêneros seja redefinida, proporcionando uma base para um novo perfil sociocultural. (OLIVEIRA, 2012).

No texto "Is Female to Male as Nature Is to Culture?" Sherry Ortner (1972) explora a dualidade entre o status secundário universal da mulher na sociedade, o que várias autoras depois vão questionar, e a diversidade de concepções culturais e simbolizações associadas à feminilidade. Ela destaca que, apesar do papel secundário ser um fato universal para as mulheres, as representações culturais variam e até contradizem umas às outras. Ortner (1972) ilustra isso com exemplos como o símbolo yin-yang na China, onde os aspectos do feminino e masculino têm igual valor, mas a sociedade chinesa é patriarcal. Ortner (1972) ressalta a importância de considerar as complexidades culturais específicas ao analisar o status universal das mulheres. A mulher muitas vezes é identificada com a natureza, enquanto o homem se conecta à cultura. Isso resulta em uma associação da mulher à natureza, o que pode levar à sua subordinação.

Ortner (1972) faz uma crítica e traz para a discussão a divisão em três níveis em relação ao corpo feminino e suas funções reprodutivas. Primeiro, o corpo da mulher a colocaria em maior proximidade com a natureza devido às funções ligadas à vida da espécie. Em segundo lugar, essas funções relegariam a mulher a papéis considerados inferiores na ordem cultural. E, finalmente, esses papéis tradicionais, ligados ao corpo, moldam uma estrutura psíquica diferente, associada à "natureza". Ortner (1972) sugere que

essa associação da mulher com o ambiente doméstico reforçaria essa conexão com a natureza. E um dos argumentos que ela utiliza é que bebês e crianças são percebidos como mais próximos da natureza devido à sua falta de socialização completa. Embora ela não afirme que a estrutura psíquica feminina seja inata, ela argumenta que a dominância dessa estrutura psíquica é importante para compreender a percepção cultural da mulher como conectada à natureza, mesmo que esta seja influenciada pela socialização.

É possível notar que termos como feminismo da diferença e ecofeminismo são frequentemente utilizados quase como sinônimos. Autoras como Sorj, Plumwood e Rohden contribuíram para essa associação. No entanto, é notável que o ecofeminismo, tem ganhado outra expressividade e possivelmente está se desvinculando desse termo pouco a pouco, indicando uma possível diferenciação. Como poderemos notar com as autoras a seguir.

Daniela Rosendo (2012, p.25) destaca que, segundo Karen Warren, o feminismo ecológico surgiu como um movimento político na década de 1970. A feminista francesa Françoise d'Eaubonne cunhou o termo "ecological feminisme" em 1974 para enfatizar o papel das mulheres na promoção de uma revolução ecológica. O conceito de ecofeminismo engloba várias perspectivas, algumas das quais não são necessariamente compatíveis entre si. Essas visões surgem de diferentes vertentes do feminismo, como o liberal, marxista e socialista.

Segundo Siliprandi (2000, p.61), o ecofeminismo pode ser definido como uma escola de pensamento que tem orientado movimentos ambientalistas e feministas, desde a década de 1970, em várias partes do mundo, procurando fazer uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres.

Dentro do amplo espectro do ecofeminismo, é crucial reconhecer a notável diversidade de abordagens e correntes que se entrelaçam nesse movimento. Não pretendo esmiuçar cada uma das correntes, apenas trazer a ideia geral que conversa com o tema deste trabalho. Nas palavras de Siliprandi (2000, p. 64):

É preciso lembrar que dentro do que se chama ecofeminismo existem muitas correntes, que vão desde aquelas com tradição mais anarquista ("radicais"), socialistas, até aquelas mais liberais, as que privilegiam as ações institucionais, no parlamento etc. Há também vertentes espiritualistas e mesmo esotéricas, que entendem como necessário resgatar as práticas "mágicas" de conhecimento da realidade que as mulheres exerciam desde a antiguidade, como formas de reconstruir uma identidade feminina que foi perdida ao longo do tempo.

Do ponto de vista econômico, Siliprandi (2000) aponta para uma interligação entre a forma como o pensamento ocidental dominante percebe tanto as mulheres quanto a

natureza. Ela argumenta que a subjugação das mulheres e a exploração da natureza são duas faces da mesma moeda, onde ambas são utilizadas como "recursos naturais" de forma a beneficiar a acumulação de capital. No contexto do ecofeminismo, a autora observa que o pensamento ocidental associa politicamente as mulheres à Natureza, enquanto a cultura é vista como uma maneira de "dominar" a Natureza. Isso leva à visão de que as mulheres têm um interesse especial em resistir à dominação da Natureza, visto que uma sociedade livre da exploração da Natureza poderia ser um passo rumo à emancipação das mulheres. Dessa forma, ela argumenta que as políticas científicas e tecnológicas que têm impulsionado o desenvolvimento econômico moderno reforçam essa perspectiva, e não são "neutras" em termos de gênero ou ambientais. Além disso, ela aponta que até mesmo a abordagem histórica tem seguido esses princípios, não revelando adequadamente como as mulheres foram excluídas do conhecimento "científico" e como sua visão de mundo, que envolve integração com a Natureza, foi gradualmente subjugada pela ideia de dominação.

A relação entre mulher e natureza é um tema que tem suscitado debates e divergências no âmbito do movimento feminista. Diferentes pensadoras e ativistas trazem diversas perspectivas sobre como entender essa relação e quais implicações ela carrega. Nesse contexto, é importante observar que a dicotomia cultura/natureza não é universal e nem há um consenso absoluto sobre os significados atribuídos a esses termos, assim como ao masculino e feminino. Diante dessas abordagens contrastantes, torna-se essencial investigar as diversas perspectivas que enriquecem nossa compreensão das complexas interações entre mulher e natureza. Nas palavras de Flores e Trevizan (2015, p. 5):

Essa relação de vínculo entre mulher e natureza não é algo pacífico no movimento feminista, nem no movimento ecofeminista. Segundo Sandra Garcia, "a dicotomia cultura/ natureza não é universal, e nem há uma uniformidade de significados atribuídos à natureza, à cultura, ao masculino e ao feminino." Catriona Sandilands argumenta que o foco do ecofeminismo não está na identidade mulher-natureza, mas na relação democrática entre gênero e natureza. Por outro lado, Emma Siliprandi, entre outras, sustenta que é inegável a associação entre mulher e ecologia, pois existe uma convergência entre a forma como o pensamento ocidental hegemônico vê as mulheres e a natureza, ou seja, a dominação das mulheres e a exploração da natureza como dois lados da mesma moeda.

Assim podemos entender que o ecofeminismo é um movimento que busca explorar as interconexões entre a opressão das mulheres e a degradação ambiental, destacando como os sistemas de dominação e exploração se sobrepõem. Outra autora ecofeminista importante diz que:

Para mim, ecofeminismo é, basicamente, primeiro reconhecer que há uma confluência: do poder, da cobiça, do mercado, do capitalismo e da violência. Então, primeiro é reconhecer isso e segundo é reconhecer nosso próprio poder, porque o capitalismo e o patriarcado declararam que as mulheres sejam passivas e que a natureza morra. O ecofeminismo reconhece que a natureza não só está viva, mas também é a base de toda a vida e que somos parte dela. E compreendendo que nós, as mulheres, temos um grande potencial; mas um potencial diferente, não violento, não de dominação e morte, mas sim de cuidar e compartilhar. A criatividade e a compaixão das mulheres é possível em todos os humanos, porque não creio no determinismo genético. Você está viajando pela Índia numa jornada budista. É disso que trata o budismo, que todos tenham compaixão. Então, este é realmente o poder do ecofeminismo (SHIVA, 2018, não paginado).

A autora Val Plumwood (1993) explora a ideia de uma concepção romântica que associa tanto as mulheres quanto a natureza, enfatizando poderes especiais como nutrição, empatia e proximidade com a natureza que são atribuídos às mulheres, mas frequentemente levam a um tratamento inferior. Essa associação é frequentemente usada para justificar o tratamento diferenciado e, em muitos casos, prejudicial dado às mulheres. Uma característica essencial de todas as posições feministas ecológicas é que elas dão valor positivo a uma conexão das mulheres com a natureza que anteriormente, no Ocidente, recebia um valor cultural negativo e que era o principal fundamento da desvalorização e opressão das mulheres. (PLUMWOOD, 1993, p. 9. tradução nossa)<sup>20</sup>.

Plumwood (1993) aponta que as feministas ecológicas estão engajadas em uma profunda reavaliação cultural do status das mulheres, do feminino e do natural. Essa reavaliação é crucial para entender como a conexão histórica das mulheres com a cultura ocidental influenciou a construção da identidade feminina, bem como, como a autora argumenta, a identidade masculina e até a identidade humana de maneira mais ampla.

Será que apenas as mulheres (e talvez apenas certas mulheres propriamente femininas) podem conhecer a floresta misteriosa, ou esse conhecimento, assim como esse amor, é, em princípio, acessível a todos nós? Será necessário renunciarmos às conquistas da cultura e da tecnologia para passarmos a habitar a floresta encantada? Podemos afirmar as qualidades especiais das mulheres sem endossar seu papel tradicional e confinamento a uma 'esfera feminina'? Será que um reinado das mulheres pode ser a resposta para a destruição da Terra e para todos os outros problemas relacionados? O ecofeminismo nos apresenta outra versão da história em que todos os problemas cessarão quando os sem poder assumirem o poder? O ecofeminismo inevitavelmente se baseia no essencialismo ginocêntrico? (PLUMWOOD, 1993, p. 8, tradução nossa)<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> No original: "One essential feature of all ecological feminist positions is that they give positive value to a connection of women with nature which was previously, in the west, given negative cultural value and which was the main ground of women's devaluation and oppression".

<sup>21</sup> No original: "Is it only women (and perhaps only certain properly womanly women) who can know the mysterious forest, or is that knowledge, and that love, in principle, accessible to us all? Do we have to renounce the achievements of culture and technology to come to inhabit the enchanted forest? Can we affirm

De modo geral, podemos dizer que tanto o ecofeminismo como o feminismo da diferença compartilham uma preocupação central, que é abordar as desigualdades de gênero, e colocam a mulher como papel fundamental para a mudança de status quo. Porém, geralmente o ecofeminismo está ligado a um ativismo que destaca as interconexões entre a opressão das mulheres e a degradação ambiental. Ele busca entender como a exploração da natureza está relacionada com a exploração das mulheres, frequentemente apontando para paralelos entre a forma como a sociedade trata e domina ambos. Essa abordagem destaca a importância de reconectar as mulheres com a natureza, buscando uma relação mais harmoniosa e sustentável com o ambiente. O feminismo da diferença, por sua vez, concentra-se na valorização das características distintas das mulheres e na rejeição da ideia de que a igualdade só pode ser alcançada ao adotar os padrões e valores tradicionalmente associados aos homens. Ele argumenta que as mulheres têm suas próprias formas de conhecimento, valores e perspectivas únicas, que devem ser reconhecidas e celebradas. Apesar das diferenças, ambos os movimentos têm em comum a crítica à desigualdade de gênero, a busca por uma sociedade mais justa e inclusiva, e o reconhecimento das experiências e perspectivas das mulheres como fundamentais para a transformação social. Eles destacam a importância de superar opressões e estereótipos de gênero.

Dessa forma, podemos entender que o Sagrado Feminino pode ser feminista, se o relacionamos com o feminismo da diferença e com o ecofeminismo, devido às suas preocupações com a valorização das perspectivas, características e experiências das mulheres, bem como à ênfase nas relações entre mulheres, natureza e espiritualidade. O Sagrado Feminino muitas vezes é interpretado como uma forma de reconexão espiritual com a natureza e com o aspecto feminino da divindade. E, assim como no ecofeminismo, reforça a importância de respeitar e proteger a natureza, bem como de reconhecer os valores mais comumente associados às mulheres, como cuidado, compaixão e empatia. No contexto do feminismo da diferença, o Sagrado Feminino pode ser interpretado como uma afirmação do valor das características e perspectivas exclusivas das mulheres. Isso inclui a celebração das capacidades únicas das mulheres, bem como das formas de conhecimento que muitas vezes foram marginalizadas na sociedade patriarcal.

---

women's special qualities without endorsing their traditional role and confinement to a 'woman's sphere'? Can a reign of women possibly be the answer to the earth's destruction and to all the other related problems? Is ecofeminism giving us another version of the story that all problems will cease when the powerless take over power? Is ecofeminism inevitably based in gynocentric essentialism?"

### 3 METODOLOGIA

Como psicóloga clínica, em meus atendimentos a mulheres, pude observar um crescente interesse por parte delas em grupos *online* que se reúnem em torno de temáticas como ginecologia natural, busca por autoconhecimento, rede de apoio e empoderamento feminino. Muitas relatam sentir que os atendimentos médicos tradicionais nem sempre geram resultados satisfatórios para suas questões, e algumas não se sentem acolhidas em relação às suas especificidades. Muitas dessas mulheres relatam sentir-se sem apoio e solução para diversos problemas ginecológicos, ou acreditam que os tratamentos são generalistas.

Elas relatam também, que nos grupos de mulheres perceberam certas similaridades com outras mulheres para processos comuns que não são discutidos em consultas médicas, como por exemplo, saber observar em qual fase do ciclo menstrual estão, observar os diferentes tipos de mucos vaginais, aprender sobre os alimentos que podem contribuir para cada momento do ciclo e também esclarecer dúvidas relacionadas à sexualidade. A maioria delas busca soluções não medicamentosas para problemas comuns, como cólicas, desregulação menstrual, infecções vaginais e sintomas associados à síndrome pré-menstrual. Elas entendem que essas abordagens podem contribuir para o conhecimento do próprio corpo e sua autonomia.

Diante disso, decidi fazer parte de alguns grupos juntamente com outras colegas terapeutas que me apresentaram práticas terapêuticas, como yoni eggs, terapia menstrual, pompoarismo, entre outras. Em algumas ocasiões, participei ativamente das práticas, enquanto em outras, observei as demandas e a condução dos grupos pelas terapeutas.

Como primeira exploração, realizei um mapeamento preliminar do campo por meio da observação simples de grupos online (no WhatsApp, Facebook e perfis de Instagram<sup>22</sup>) voltados ao Sagrado Feminino, dos quais eu já fazia parte. A exploração por meio da observação destes grupos foi um ponto de partida rico em informações, pois o acesso direto a estas discussões, conteúdos e interações relevantes me permitiu identificar as principais questões discutidas no meio das participantes do Sagrado Feminino, o que foi fundamental para a construção da pergunta de pesquisa deste trabalho. A observação inicial foi apenas um primeiro passo nesse processo.

---

<sup>22</sup> O Instagram é uma [rede social](#) online de compartilhamento de [fotos](#) e [vídeos](#) entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>.

A partir da ferramenta virtual do WhatsApp pude acompanhar dois grupos: “Tenda lua” e “Obsidianeiras”. Ambos os grupos têm como objetivo principal ser uma rede de apoio para mulheres, sendo o Tenda da lua um grupo com temas mais abertos, e o Obsidianeiras mais relacionado ao uso de “Yoni Eggs”. Assim, pude acompanhar as dinâmicas de interação e práticas, e reunir dados acerca da temática. Em paralelo, também acompanhei alguns perfis no Instagram dedicados ao Sagrado Feminino, buscando compreender como esse tema tem sido abordado na contemporaneidade, e resolvi me concentrar para esta pesquisa somente na plataforma Instagram.

Realizei uma revisão bibliográfica da literatura acadêmica que aborda e outras que tangenciam o tema do Sagrado Feminino, e infelizmente há pouquíssimo material disponível. Foram feitas leituras de livros “nativos” relevantes relacionados ao Sagrado Feminino, especialmente aqueles considerados fundamentais para esse nicho de mulheres e que são pré-requisitos para participar das discussões utilizando a mesma linguagem. Adicionalmente, para complementar minha pesquisa, explorei diversos sites e perfis no Instagram dedicados às temáticas do Sagrado Feminino. Também coletei entrevistas relevantes em sites de notícias, considerando que essas fontes ofereciam um maior nível de detalhamento e enriqueciam o material disponível.

A escolha do Instagram como plataforma de pesquisa se deve ao fato de que essa rede social possui cerca de 2 bilhões de usuários<sup>23</sup>, e é a terceira maior rede social do mundo. Ao digitar na ferramenta de busca no Instagram #sagradofeminino, recebemos como resposta mais de 1 milhão de postagens sobre o tema, o que mostra como esta é uma plataforma muito importante na disseminação de diversos conteúdos do SF. Podemos observar que milhões de usuários compartilham diariamente imagens, ideias, práticas e reflexões relacionadas ao tema, através de hashtags específicas, como, por exemplo, #sagradofeminino e #ginecologianatural. Dessa forma é possível encontrar uma ampla gama de conteúdos que vão desde poesias, ilustrações e fotografias, até conselhos de bem-estar, meditação e rituais.

Assim, através da metodologia da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), fiz uso da leitura flutuante ao longo de alguns meses, levantando e acompanhando um grande número de páginas e postagens, acompanhando a #sagradofeminino, como dito anteriormente. Após essa curadoria, cheguei nos seguintes perfis brasileiros:

---

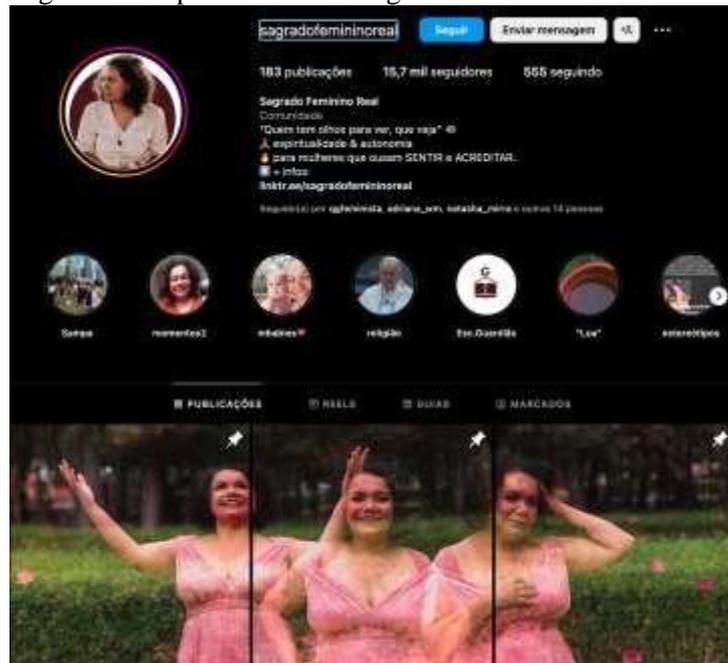
23 <https://www.oficinadnet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>

@sagradofemininoreal, @ginecologianatural, @mulher.sagrada, @mulherciclica, @teiadalua.

A seleção destes perfis de Instagram considerou alguns critérios fundamentais. Em primeiro lugar, levei em conta a relevância do conteúdo compartilhado pelos perfis em relação ao tema do Sagrado Feminino, ainda que nem todos os perfis se autodenominem como pertencentes ao SF. Busquei perfis que abordam de forma significativa e aprofundada os conceitos, práticas e reflexões relacionados ao SF. Além de serem populares temas como ginecologia natural, terapias alternativas, divindades femininas, a influência da lua, a menstruação, bem como a promoção de encontros virtuais e presenciais para rodas de conversa, cursos e compartilhamento de práticas de cura e autocuidado, entre outras atividades. Além disso, considerei a quantidade de seguidores dos perfis selecionados. Embora o número de seguidores não seja o único indicador de relevância, percebemos que perfis com um grande número de seguidores têm maior alcance. Isso nos permite observar como o Sagrado Feminino tem sido percebido e praticado no contexto do Instagram. Desta forma, ao escolher os perfis para esta pesquisa, busquei um equilíbrio entre a relevância do conteúdo e a representatividade da amostra, levando em consideração tanto a qualidade do material compartilhado quanto a repetição de conteúdos. Não pude levar em conta a popularidade dos posts, pois, desde julho de 2019, o Instagram optou por remover a exibição do número de curtidas nas postagens com o objetivo de reduzir a pressão por *likes* que as redes sociais muitas vezes impõem aos seus usuários.

Apresentarei a seguir cada um dos perfis selecionados. A coleta de dados foi feita entre o mês de setembro de 2022 até julho de 2023. O perfil @sagradofemininoreal possui 183 publicações, contando 15,7 mil seguidores. Tem como descrição de perfil: "Quem tem olhos para ver, que veja", "espiritualidade e autonomia", para mulheres que ousam sentir e acreditar". Conteúdo: Informativo sobre Sagrado Feminino, discussões políticas sobre o que é feminino, chamada para rodas de conversas, entre outros. Este é o único perfil que discute feminismo junto ao sagrado feminino.

Figura 1 – Captura de ecrã @sagradofemininoreal



Fonte: <https://www.instagram.com/sagradofemininoreal/>

O perfil @ginecologianatural tem 695 publicações e 165 mil seguidores, possui assinatura de sua criadora Bel Saide, médica ginecologista especialista em ginecologia natural. Tem como descrição: Mentora de profissionais que tratam desequilíbrios femininos. Conteúdo: Informativo em ginecologia natural, plantas medicinais, reflexivo, dicas, mentoria, aulas, entre outros.

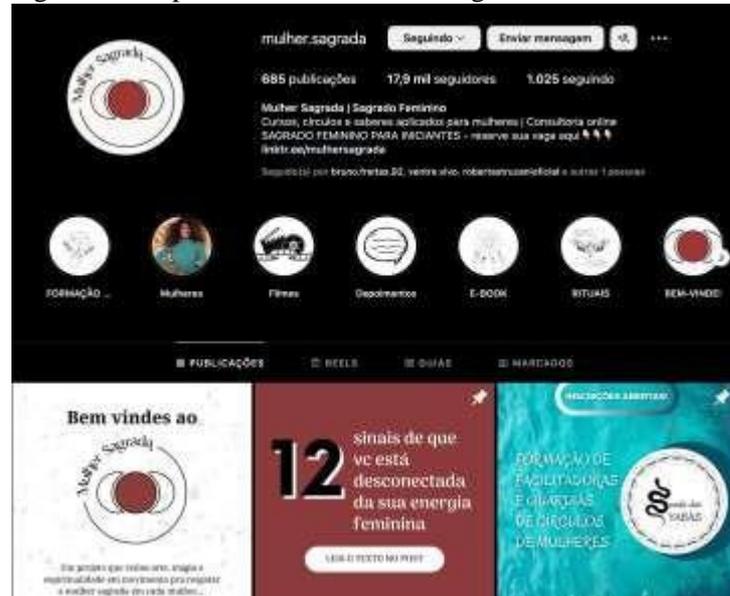
Figura 2 – Captura de ecrã @ginecologianatural



Fonte: <https://www.instagram.com/ginecologianatural/>

O perfil @mulher.sagrada, possui 685 publicações e 17,9 mil seguidores. Na descrição: Cursos, círculos e saberes aplicados para mulheres. Consultoria online. SAGRADO FEMININO PARA INICIANTES - reserve sua vaga aqui. Conteúdo: Informativo, reflexivo, Sagrado Feminino, cursos, entre outros.

Figura 3 – Captura de ecrã @mulher.sagrada



Fonte: <https://www.instagram.com/mulher.sagrada/>

O perfil @mulherciclica, possui 257 publicações e 33,6 mil seguidores. Descrição: Espaço de saberes compartilhados sobre ciclos femininos e da natureza. Por @jessicaportes\_ e @a.raissamendes. Conteúdo: Informativo, ginecologia natural, plantas medicinais, reflexivo, óleos essenciais, dicas, entre outros.

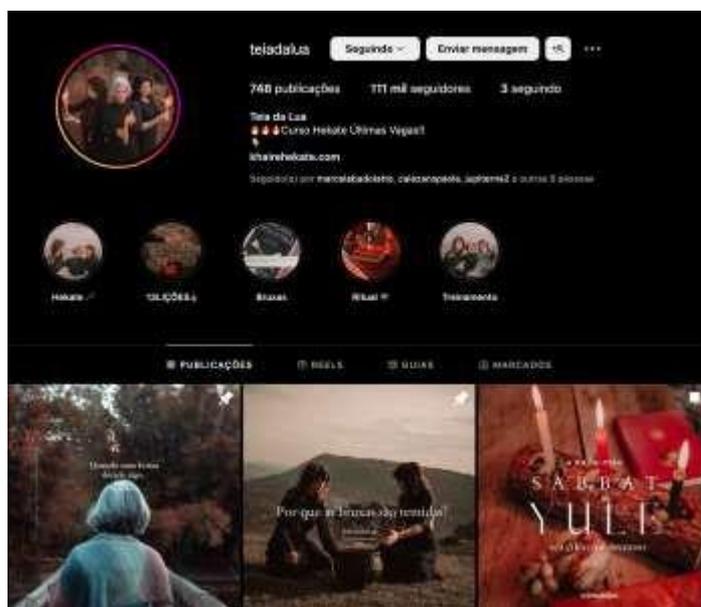
Figura 4 – Captura de ecrã @mulherciclica



Fonte: <https://www.instagram.com/mulherciclica>

O perfil @teiadalua, possui 748 publicações e 111 mil seguidores. Descrição: Curso Hekate Últimas Vagas!! Conteúdo: Informativo, reflexivo, bruxas, magia, meditação, lua rituais, entre outros.

Figura 5 – Captura de ecrã @teiadalua



Fonte: <https://www.instagram.com/teiadalua/>

A abordagem de análise de conteúdo, de acordo com as definições de Bardin (2011), consiste em um conjunto de técnicas para analisar comunicações que utiliza métodos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. A autora argumenta que o objetivo principal da análise de conteúdo é inferir conhecimentos relacionados às condições de produção (ou, possivelmente, recepção) usando indicadores qualitativos ou quantitativos. Seguindo as diretrizes de Bardin (2011), a análise de conteúdo é composta por três etapas fundamentais: 1. Pré-análise que envolve a organização inicial dos materiais a serem analisados, a definição das categorias de análise e o estabelecimento de critérios para codificação. 2. Exploração do material: nessa etapa, o pesquisador examina minuciosamente o conteúdo, identificando padrões, tendências e relações entre as informações. 3. Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: os resultados são tabulados e submetidos a análise estatística ou interpretativa, permitindo a extração de conclusões e inferências sobre o conteúdo estudado. Portanto, para esse estudo, as diretrizes mencionadas anteriormente foram adotadas como base teórica e metodológica para a realização da análise de conteúdo dos perfis selecionados no Instagram. O objetivo

desta análise é obter uma compreensão mais aprofundada das temáticas mais abordadas pelos perfis estudados.

Após selecionar os perfis do Instagram, identifiquei os temas mais recorrentes presentes em cada um deles, levando em consideração que cada perfil escolhido possui uma temática própria, mas todos abrangem subtemas relacionados ao Sagrado Feminino. Embora nem todos esses perfis abordem diretamente o Sagrado Feminino, eles discutem temas que são relevantes dentro desse contexto.

Após salvar inúmeras postagens dos perfis selecionados, organizei-as em pastas em grandes temas e fui selecionando os mais relevantes para a pesquisa. Para a análise de conteúdo foram selecionadas 40 publicações dos perfis selecionados (@sagradofemininoreal, @ginecologianatural, @mulher.sagrada, @mulherciclica, @teiadalua). Para a análise dos dados, os perfis foram agrupados em categorias temáticas amplas mais recorrentes, a saber: Lua/menstruação, Deusas/Bruxas, Práticas terapêuticas/autocuidado, Feminino, Vendas/cursos e serviços. Essa classificação permitiu uma organização mais clara e facilitou a identificação dos principais focos de cada perfil de acordo com os temas abordados.

Após selecionadas as publicações, foi elaborada uma planilha de análise, porém no decorrer da pesquisa, acreditamos que separar apenas algumas imagens ilustrativas teria um efeito de melhor aproveitamento e entendimento das imagens que a tabela que foi retirada.

Dentro dessas grandes categorias temáticas, irei abordar adiante os temas mais frequentes encontrados nos perfis do Instagram relacionados ao Sagrado Feminino.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a organização e categorização da amostra de publicações selecionada de acordo com os critérios estabelecidos anteriormente, os resultados foram tratados, inferidos e interpretados.

### 4.1 Menstruação / Lua

Aproximadamente la mitad de la población mundial menstrúa una vez al mes durante cuatro o siete días por un período de treinta o cuarenta años. Por una cuestión cultural, sin embargo, la eyección del fluido menstrual se ha convertido en una abyección, por lo que son muchas las personas que lo sienten como un tabú y muchas también quienes lo culpan de su exclusión como sujetos sociales. Ello ha derivado en distintos posicionamientos: desde quienes inician una búsqueda para detener el sangrado con la ayuda de la bio-medicina, apelando a su liberación y bienestar; hasta quienes lo reivindican como un signo de orgullo personal y pertenencia colectiva; pasando por quienes apuestan por seguir ocultándolo de la mirada del/a otro/a sin apenas cuestionarse el por qué ni el cómo (SALA, 2020, p.1).

A menstruação é um tema central no Sagrado Feminino, pois ela simboliza a conexão das mulheres com a natureza, sua feminilidade, poder e espiritualidade. Segundo o SF, essa visão sobre a menstruação desafia estigmas culturais e promove uma visão mais positiva e holística da biologia feminina. Acerca disso, podemos destacar pontos relevantes, como a ciclicidade e conexão com a natureza, já que a menstruação é vista com um ciclo natural que as mulheres experimentam regularmente, muitas vezes em sintonia com as fases da lua. Assim, faz-se essa relação entre a biologia feminina e os ritmos naturais da Terra. Outro ponto é que a menstruação é frequentemente associada à ideia de renovação e purificação, já que entende-se que o sangramento menstrual é uma forma de liberar energias antigas e preparar o corpo para um novo ciclo. Outra perspectiva relevante é a celebração da feminilidade relacionada à conexão com a menstruação. Acredita-se que essa celebração pode desempenhar um papel importante no fortalecimento da autoestima e da autoaceitação das mulheres.

A Menstruação é um tema que vem sendo pauta de discussões nos últimos anos e, apesar de não se tratar de uma novidade, a temática ainda é vista com muito tabu e vergonha. Esse tópico é alvo de inúmeras crenças populares, algumas validadas pela religião judaico-cristã, sobre a "impureza" do sangue menstrual. Ainda segundo o senso comum, há ideias também sobre a possibilidade de contaminação de objetos, assim como durante este período as mulheres não podem executar uma série de tarefas cotidianas,

como lavar ou cortar o cabelo, varrer a casa, tomar banho de mar, comer crustáceos, sentar no chão em lugar quente, entre outros. Em algumas culturas as mulheres são afastadas dos outros membros da comunidade durante o período menstrual, ou apenas podem ter contato com outras mulheres. Segundo Manica e Rios<sup>24</sup> em seu artigo "Sangue (in)visível: performances menstruais e arte corporal" é comum que muitas mulheres ainda se refiram ao sangue menstrual como algo sujo, nas palavras delas:

De acordo com Sanabria, as preocupações com vazamento menstrual nas roupas estão associadas à ideia de que o sangue menstrual é visto como "sujo" no Brasil (como provavelmente ocorre em muitos outros contextos culturais também). Ela argumenta que essas preocupações devem ser compreendidas "a partir da perspectiva da complexa relação entre aquilo que faz parte do corpo e aquilo que está separado dele" (Sanabria 2011: 100). Sanabria afirma que muitas mulheres entrevistadas costumavam se referir ao sangue menstrual como "repugnante, malcheiroso ou não higiênico". (MANICA; RIOS, 2017, p. 9 tradução nossa)<sup>25</sup>

Foi de modo inédito que, em 2019, o documentário "Absorvendo o tabu" (título original "Period. End of Sentence") da indiana Rayka Zehtabchi ganhou o Oscar, justamente abordando o assunto. De acordo com a sinopse, o filme se passa em uma vila rural no norte da Índia, onde é instalada uma máquina que cria absorventes biodegradáveis de baixo custo. Mulheres locais são empregadas para produzir e vendê-los, o que lhes proporciona uma independência e colabora a vencer os tabus sobre a menstruação, uma vez que esta comunidade não tinha contato com absorventes antes, e durante o período menstrual meninas e mulheres se afastavam dos estudos e trabalho. É bem interessante que as entrevistadoras ao perguntarem para uns grupos de homens, eles que não sabiam dizer o que é ciclo menstrual, enquanto outros acreditam se tratar de uma doença feminina. Quando o tema é perguntado para um grupo de meninas elas riem e sentem muita vergonha de falar sobre o assunto, além de expressarem sentimentos como nojo, e noções de que o sangue é impuro. Esta não é uma realidade tão distante de certas localidades no Brasil, que possui um grande afastamento de meninas das escolas durante o período menstrual, como veremos adiante.

---

<sup>24</sup> **Daniela Tonelli Manica**- Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brazil. **Clarice Rios** - Instituto de Medicina Social, Departamento de Planejamento, Políticas e Administração em Saúde, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brazil.

<sup>25</sup> According to Sanabria, concerns with menstrual leakage in clothes are associated with the idea that menstrual blood is seen as "dirty" in Brazil (as it probably is in many other cultural contexts as well). She argues that these concerns should be seen "from the perspective of the complex relationship between that which forms part of the body and that which is detached from it" (Sanabria 2011: 100). Sanabria upholds that many women she interviewed used to refer to menstrual blood as "repugnant, reeking, or unhygienic" (Sanabria 2011: 100)

Outras noções do tipo também são compartilhadas por aqui, como até pouco tempo nos comerciais de absorventes na televisão, quando testados a fim de mostrar sua eficácia, geralmente eram utilizados com um líquido azul, afastando o máximo possível da realidade e produzindo uma imagem estéril, já que o sangue menstrual por vezes é visto como sujo.

Um importante dado que tangencia o assunto é o que trata da pobreza menstrual no Brasil. Segundo o relatório "Livre para menstruar"<sup>26</sup>, criado pelo movimento Girl Up, no Brasil, uma em cada quatro adolescentes não possui absorventes durante seu período menstrual. Isto pode indicar ameaça aos estudos, visto que grande parte das meninas não possuem acesso mínimo a condições de higiene nas escolas, nem acesso a absorventes, cunhando o termo pobreza menstrual, que também se relaciona a falta de informação, de apoio e dinheiro. Muitas delas em seu período menstrual não possuem recursos e são obrigadas a se recolher e não frequentarem a escola durante seus ciclos. Recentemente, no Brasil a Lei Federal 14.214 de 2021 instituiu o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual, com o objetivo de combater a precariedade menstrual, que se traduz na falta de acesso a produtos de higiene e a outros itens necessários ao período da menstruação. Ela foi aprovada em setembro de 2021, porém o antigo presidente da República Jair Bolsonaro vetou a distribuição gratuita dos absorventes. Somente em março de 2022 o veto foi derrubado pelo Congresso Nacional. No dia 08 de março de 2023 o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou um decreto que cria o Programa de Proteção e Promoção da Dignidade Menstrual. Através dele o Sistema Único de Saúde (SUS) vai garantir a oferta de absorventes para quem está abaixo da linha de pobreza.

Como dito anteriormente, a menstruação é um tema de extrema importância dentro do SF, e assim, trazê-lo para debate, aproxima e informa as mulheres. Ainda que com cunho espiritual ou místico, o SF participa de uma nova concepção menstrual, em que não se deve ter vergonha do corpo, ensina sobre os ciclos menstruais e suas variações, e convida a mulher a observar e conhecer o próprio corpo e não ter nojo dele e de seus fluidos corporais. Dentro do universo do Sagrado Feminino há uma aproximação do ciclo menstrual (ou lua interna) com os ciclos da natureza, como os ciclos da lua, das marés e das estações do ano, entendendo a natureza como cíclica, assim como a mulher, e que todos esses ciclos possuem energias e funcionam de acordo com leis universais de contração e expansão.

---

<sup>26</sup> <https://livreparamenstruar.org/principais-dados/#oproblema>

Dessa forma, é entendido que, a cada ciclo, a mulher vive energias distintas que mudam ao longo do mês, e ao serem respeitadas de acordo com seu tempo interno, poderiam tornar as mulheres mais conectadas ao próprio corpo, mais integradas. De modo contrário, haveria o tempo externo, que é imposto, considerado linear, regular e masculino, e que não respeita as nuances e a ciclicidade da mulher. Outro fato é que nem sempre a lua interna (ciclo menstrual próprio) está de acordo com a lua externa (ciclo lunar), mas, segundo essa prática, serve de parâmetro para reflexões do porquê não estão em sincronia, ainda que não seja discutido como um distúrbio propriamente dito.

Assim sendo, nestes espaços podemos encontrar a descrição das quatro fases do ciclo menstrual (fase pré-ovulatória, fase ovulatória, fase pré-menstrual e fase menstrual) comparadas com imagens arquetípicas da Donzela, Mãe, Feiticeira e Anciã respectivamente. Portanto, a menstruação tanto é vista em seus sentidos biológicos em toda sua materialidade, como também é abordada de forma mística e ritualística. A partir daí, acredita-se que haja uma relação íntima dos ciclos menstruais com os ciclos lunares. À vista disso entende-se que a mulher poderia se guiar tanto pelo que chamam de “lua interna” – a fase do ciclo menstrual em que a mulher se encontra – e “lua externa” – a lua propriamente dita. Isto posto, cada fase do ciclo possuiria sua própria energia e ajudaria a mulher a conectar-se com seu próprio corpo.

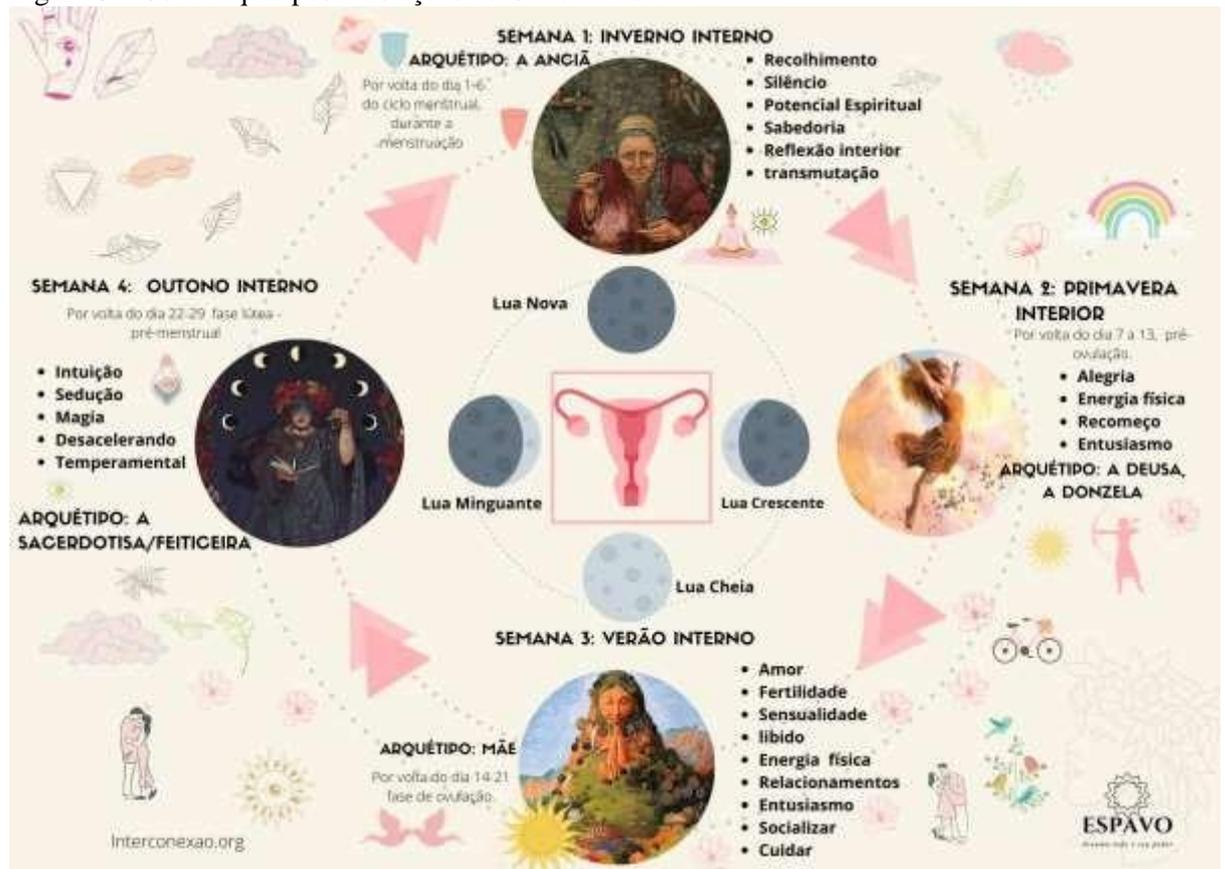
Esses são alguns dos inúmeros exemplos de termos e linguagens utilizadas, que todas as mulheres dentro desses grupos conhecem e fazem uso, podendo ser encontrados tanto nos livros "bíblias do SF", como em qualquer perfil de Instagram sobre o SF:

- a) Fase pré-ovulatória – folicular, é referente ao fim da menstruação está relacionada à lua crescente, à estação do ano da primavera, fase da mulher jovem e o arquétipo da Donzela. Nela é esperado sentir mais disposição, mais energia extrovertida e física, mais confiança e entusiasmo. Na primavera é um início de muita inspiração e esperança;
- b) Fase ovulatória - está relacionada à lua cheia, estação do ano verão, fase da mulher adulta e o arquétipo da Mãe. Momento de se sentir mais sensível, com energia voltada para fora, para os outros, para as relações. As mulheres podem se sentir mais atraentes e mais desejo sexual. A energia é a do verão mais solar e abundante;
- c) Fase pré-menstrual - fase lútea ligada à lua minguante, estação do ano outono, fase da mulher de meia idade e o arquétipo da Feiticeira. Nesta fase

a energia volta-se para dentro e diminui, manifestando a força criativa e a intuição. Momento de avaliação, recolhimento, transmutação;

- d) Fase Menstrual - ligada à lua nova, estação do ano inverno, fase da mulher anciã e o arquétipo de Bruxa. Nesta fase há menos energia física que está concentrada no interno, abertura para o inconsciente, período de recolhimento que o corpo passa por uma limpeza.

Figura 6 – Os 4 Arquétipos e Estações do Ciclo Menstrual



Fonte: <https://www.interconexao.org/2020/10/os-4-arquetipos-e-estacoes-do-ciclo.html>

Podemos perceber que dentro do Sagrado Feminino há uma visão bastante universalista, principalmente da mulher. Observamos que há diversas atribuições vistas como femininas e como inerentes à mulher, como a doçura, cuidado, compaixão, tolerância, ligação com a natureza, entre outros - como se existisse apenas uma forma de ser mulher e se identificar como sendo essa mulher universal, excluindo uma diversidade de pessoas e interseccionalidades. Outro ponto a destacar, é o uso da expressão conexão. Frequentemente vemos a utilização desse termo, relacionado à conexão com os próprios ciclos, conexão com a natureza, conexão com o corpo. Geralmente a expressão é utilizada

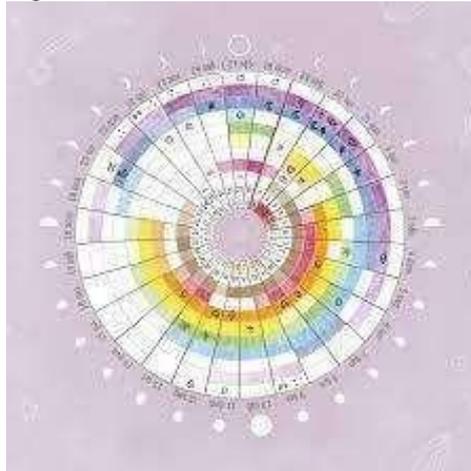
no sentido de restabelecer essa conexão que parece ter sido perdida e precisa ser recuperada como sinônimo de saúde e empoderamento de si.

No Sagrado Feminino há práticas importantes, como "plantar a lua", que significa "devolver o sangue de volta à terra", ato de regar as plantas com sangue menstrual misturado com água, como forma de nutrir a conexão da mulher com a terra e com seu próprio corpo. Em virtude da menstruação ser considerada sagrada, segundo as praticantes, essa ação também pode ser vista como um ritual de conexão com a natureza e celebração da fertilidade, reconhecendo a importância do ciclo menstrual como uma parte natural e saudável do corpo feminino. Trata-se de uma forma de entender a menstruação como algo natural, aproximando as mulheres desse tema tão interdito. Há quem diga também que a menstruação poderia ser um fertilizante natural, devido às características do sangue, ainda que não haja comprovações científicas sobre o assunto.

Seguindo a mesma linha, a mandala lunar também representa uma forma de conhecer melhor o próprio ciclo, por meio de registros acerca dos padrões de comportamento, emoções, sentimentos, mudanças físicas e sintomas que se alteram ao longo do mês. A Mandala é um desenho circular que pode ser preenchido com cores, símbolos e as informações observadas durante toda a luação (28 dias do ciclo menstrual). A prática ajuda a observar padrões e alterações, fazendo com que as mulheres compreendam melhor suas próprias necessidades.

A Mandala Lunar, amplamente reconhecida, encontra-se em sua oitava edição, atualmente liderada por Ieve Holthausen e Naíla Andrade, de acordo com informações do seu site. Ao longo do tempo, alcançou cerca de 100 mil pessoas e recebeu contribuições de outras mulheres ligadas às artes e à escrita. Além de funcionar como uma agenda, a Mandala também apresenta, ao longo de suas páginas, frases inspiradoras e representações de mulheres. Vale ressaltar que a distribuição das mandalas não depende do suporte das grandes livrarias; em vez disso, geralmente ocorre por meio de pedidos coletivos feitos por mulheres ou diretamente pelo site oficial. De acordo com o site: "A Mandala Lunar é um diário com o propósito de facilitar uma maior conexão com nosso corpo e também com a terra e os ciclos naturais, resgatando e unindo conhecimentos tradicionais e contemporâneos, arte e autoconhecimento em uma ferramenta curadora e transformadora para mulheres. A Mandala (Imagem 2) se organiza a partir da união do calendário solar e lunar trazendo maior conexão e percepção dos ciclos que se manifestam na natureza dentro e fora de nós." (<https://www.mandalalunar.com.br/#sobre>)

Figura 7 – Mandala Lunar



Fonte: <https://www.mandalalunar.com.br/>

Podemos notar que há um grande número de postagens no Instagram sobre rituais da lua em conexão com a menstruação. Esses rituais podem variar de acordo com o propósito, podendo incluir meditação, visualização, orações, danças, magias, cantos ou qualquer outra forma de expressão que permita uma conexão profunda com a energia lunar. Esses rituais podem ocorrer em qualquer fase da lua, dependendo do propósito e da intenção. Geralmente na lua minguante está associado a processos de soltar, liberar e desapegar comportamentos, emoções ou situações que não servem mais. Na lua nova, por ser considerada uma fase de renovação, muitas pessoas se concentram em definir metas, estabelecer intenções claras e semear novos projetos ou desejos. O ritual da lua crescente é considerado um momento propício para crescimento, expansão e progresso em diferentes aspectos da vida. Já na lua cheia, geralmente o que mais vemos nos posts é que este é considerado um momento de plenitude, de energia elevada e conexão com a intuição e a sabedoria interior.

Figura 8 - Captura de ecrã @mulher.sagrada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CekbpUvt2dp/>

Como podemos observar, a menstruação é de grande relevância dentro do Sagrado Feminino, tanto por sua importância fisiológica em relação à saúde, mas também vista de forma ritualística. Como observamos no ato de plantar a lua e através dos rituais que se conectam com cada fase da lua.

É concebido que, para a mulher estar saudável, é necessário que seus ciclos estejam regulados, e que não haja dor e desconfortos. Compreender o próprio ciclo é tarefa base em qualquer círculo, visto que a dor, como as cólicas ou outras enfermidades, é um possível sinal de algum fator de desregulação. Assim, pode ser que a mulher não esteja respeitando as fases do seu ciclo menstrual, esteja "desconectada" do próprio corpo, tenha passado por experiências traumáticas que estariam gravadas em seu corpo e de regra no ventre. Há uma prática chamada terapia menstrual, metodologia criada por Zulma Moreyra (argentina que se autodenomina como Taróloga, Herborista, Sacerdotisa Da Lua, entre outros), que tem como premissa que o sangue da menstruação pode ter resultado em uma série de problemas como TPM, dificuldades em engravidar, prevenção da menopausa. Segundo Janaína Araújo de Moraes<sup>27</sup>

A Terapia Menstrual Madretierra (TMM) é um método terapêutico baseado no ciclo hormonal menstrual e em como esse ciclo reflete as “feridas portais” de cada etapa da vida das mulheres e de outros corpos menstruantes. Para Zulma, as enfermidades relacionadas ao ciclo menstrual tem origens e causas mais

<sup>27</sup> Janaína Araújo de Moraes foi doutoranda em ciências sociais pelo programa de pós-graduação em ciências sociais da universidade federal de juiz de fora (PPGCSO-UFJF) e escreveu a tese: Portal vermelho: uma etnografia sobre gênero, corpo, sangue, emoções e experiência.

profundas, percebendo as enfermidades não apenas como uma manifestação fisiológica do corpo, mas também como sintomas de desequilíbrios emocionais, energéticos e espirituais. Esse corpo não seria, portanto, delimitado apenas pela sua biologia, mas também fruto das suas experiências e vivências, dessa e de outras vidas, das emoções, energias e pensamentos mobilizados, das relações estabelecidas com humanos e não humanos (Morais, 2021, p. 162).

De acordo com a terapeuta menstrual Caroline Amanda, entrevistada por Nathalia para o site uol<sup>28</sup>, a técnica é feita pela observação do ciclo menstrual como um todo, para entender as alterações em seu corpo, sejam elas hormonais, emocionais, energéticas e entre outras. Estimula-se que seja usada a mandala lunar para tal propósito, assim como preenchimento de uma ficha que visa descrever desde a primeira menstruação até os dias atuais, contando como foi cada fase da vida, passando por possíveis traumas, inclusive intergeracionais. Pode ser orientado o consumo de uma série de combinações de ervas (sempre aliadas aos saberes da ginecologia natural), como também 50 dias de alguma dieta específica e abstinência sexual com o intuito de purificar o corpo. Esse é apenas um recorte sobre a terapia, que segundo os praticantes oferece inúmeros benefícios ao corpo.

Figura 9 - Captura de ecrã @sagradofemininoreal



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbunvCALvEK/>

Tendo em vista todo o debate a respeito da menstruação, observou-se como a questão ressoa em determinados contextos. Por exemplo, a disseminação do uso dos coletores menstruais (copos reutilizáveis feitos de materiais atóxicos como silicone, borracha ou látex), calcinhas absorventes e absorventes de algodão. O uso desses

<sup>28</sup>Entrevista com a terapeuta menstrual Caroline Amanda, criadora do serviço "Yoni das Pretas", que aplica a terapia menstrual para mulheres negras e não-negras.

dispositivos, além de cruzarem com as pautas de consumo sustentável de diversos grupos ativistas feministas ecológicas, também são de grande relevância nos grupos do SF, visto que está associado a uma maior conexão com a natureza.

Um coletor menstrual pode durar de 3 a 10 anos, reduzindo a produção de lixo. Outra forma de encarar o assunto, é que o uso do coletor pode proporcionar uma relação mais íntima com o corpo, posto que é necessário conhecer minimamente a anatomia interna para escolher o melhor tipo, tamanho de coletor e modo de uso. Esta pauta também se relaciona com a ginecologia natural, que será abordada no próximo tópico. Algumas mulheres relatam a melhora de alergias e incômodos na região, visto que eles são mais confortáveis e não causam sensação de umidade e podem ser utilizados por mais de 12 horas sem riscos à saúde, ao contrário dos tampões convencionais, que oferecem risco de choque tóxico. Apesar de inicialmente apresentarem um custo inicial maior, a longo prazo eles oferecem uma grande economia.

Outro tipo de absorventes que vêm sendo utilizados, são os ecológicos, também conhecidos como absorventes reutilizáveis. Eles têm uma proposta de ser uma alternativa sustentável e consciente aos absorventes descartáveis tradicionais. Esses produtos foram desenvolvidos com o objetivo de reduzir o impacto ambiental causado pelo descarte de milhões de absorventes todos os anos. Eles podem ser feitos de materiais como algodão orgânico, bambu, tecidos absorventes de alta qualidade e camadas impermeáveis para evitar vazamentos. Eles são projetados para serem lavados e reutilizados várias vezes, substituindo a necessidade de usar absorventes descartáveis a cada ciclo menstrual. Muito parecido com os absorventes ecológicos, são as calcinhas menstruais, que possuem a mesma proposta. Uma das principais vantagens dos absorventes ecológicos é a redução do lixo produzido, visto que eles podem ser reutilizados por vários anos. Há quem diga também que eles seriam mais saudáveis para o corpo, pois são livres de materiais e produtos químicos que podem causar irritação.

Figura 10 - Captura de ecrã @mulherciclica



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CO\\_YbY2FI9R/](https://www.instagram.com/p/CO_YbY2FI9R/)

Seguindo sites consultados, cheguei a uma corrente chamada "Free Bleeding", que em português seria "Sangramento Livre"<sup>29</sup>, ou flux instinctif libre (FIL), na França. É uma prática a favor da livre menstruação, ou seja, de que as mulheres não usem nenhum tipo de dispositivo absorvente ou coletor. Nesta corrente as mulheres precisam condicionar o corpo para reter a menstruação e expelir voluntariamente o fluxo. Todo trabalho consiste na região pélvica, através da contração do períneo. A naturopata francesa Jessica Spina ensina em seu livro "O fluxo instinto livre: a arte de evitar absorventes" como conhecer e ter domínio do próprio corpo. A ideia não é que se passe longos períodos contraindo a região, mas que se possa ter melhor gerenciamento do corpo com controle, sensibilidade e consciência da musculatura pélvica.

#### 4.2 Sabedoria Ancestral, Empoderamento e Autocuidado

No universo do Instagram, é bastante comum encontrar publicações que estabelecem uma conexão entre o Sagrado Feminino, as bruxas e as deusas. Esse tema é

<sup>29</sup> O que é o Sangramento livre? Reportagem com as naturopatas que defendem a prática. <https://www.rfi.fr/br/ciencias/20190214-sangramento-livre-contras-absorventes-mulheres-adotam-tecnica-natural-para-eliminar>

bastante caro dentro do contexto do Sagrado Feminino e desperta grande interesse e engajamento por parte dessa comunidade. A associação entre o Sagrado Feminino, a figura da bruxa e as diversas deusas é profundamente valorizada e explorada, tanto nos livros, como nas rodas, e claro, nas redes sociais. Geralmente essas figuras, nesse contexto, representam uma fonte de inspiração, empoderamento e reconexão com a natureza feminina.

A referência à "sabedoria ancestral" e o interesse em uma "volta" a esses conhecimentos estão enraizados em todo pensamento do SF. Podemos observar essa busca profunda com a conexão com a natureza, que teria sido perdida e portanto a redescoberta dela traria certa compreensão dos ensinamentos, que seriam um legado das mulheres ao longo da história. A busca pela sabedoria ancestral seria uma maneira de honrar as contribuições das mulheres, de resgatar tradições valiosas e de fortalecer a conexão das mulheres com sua própria espiritualidade e com a natureza. Assim, acredita-se que historicamente as mulheres teriam papéis importantes dentro de suas comunidades como curandeiras, líderes espirituais e detentoras de conhecimentos tradicionais. O que fortalece a ideia de que as mulheres têm uma herança de sabedoria para compartilhar. Portanto, seria necessário "recuperar" esses ensinamentos que foram suprimidos devido à dominação patriarcal, e que ajudariam as mulheres a se reconectarem com suas próprias raízes espirituais e aprofundarem sua compreensão de si mesmas e suas habilidades curativas.

Notamos que nem todos os perfis que exploram os arquétipos da bruxa se autodenominam como parte do Sagrado Feminino (como o perfil do Instagram selecionado "teiadalua", que aborda temas relacionados a bruxas, magia, rituais e a lua propriamente dita, e que não aborda especificamente o Sagrado Feminino), podemos notar que a maneira de entender essa simbologia é bastante semelhante neste universo. A figura da bruxa desempenha um papel significativo ao representar um arquétipo associado a uma cultura ancestral, à sabedoria, intuição, conexão com a natureza, cura e magia. A bruxa é símbolo da mulher que é independente e empoderada, que pratica magia através de seus conhecimentos naturais e ancestrais. Dentro do Sagrado Feminino, a bruxa é vista como uma guardiã do conhecimento ancestral, uma curandeira e uma protetora da natureza, e é por isso que observamos nos perfis do Instagram diversas chamadas para os rituais e magias, sempre relacionando a mulher, a natureza e essa sabedoria ancestral. Há geralmente convites para as mulheres participarem desses rituais, workshops e rodas visando o resgate do seu poder interior relacionados à feminilidade, entre outros.

A Deusa para o SF representa uma energia divina feminina universal. Podemos observar que quando se indaga "a Deusa", em diversos materiais, é uma maneira de evocar a Deusa-Mãe, o que é bem comum no diálogo nativo. Ela é um arquétipo simbólico que personifica diferentes aspectos da feminilidade, como amor, sabedoria, fertilidade, força e proteção. Em resumo, tanto a bruxa como uma figura individual, ligada à magia e ao conhecimento ancestral, como a Deusa representando uma energia divina feminina mais abrangente, têm papel fundamental no Sagrado Feminino. Assim tais denominações são consideradas positivas e buscadas por essas mulheres, sempre com intuito de trazer "cura do feminino", e conexão espiritual com a essência feminina e a natureza.

Figura 11 – Captura de ecrã @teiadalu



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CV6CF-SFONi/>

É comum encontrar nas redes sociais, como o Instagram, uma variedade de conteúdos relacionados a práticas terapêuticas e autocuidado. Dentro deste universo, essas práticas ocupam um lugar de destaque e na maior parte das vezes não são abordadas por profissionais de saúde. As publicações têm como objetivo promover o bem-estar e o empoderamento das mulheres, abordando temas que envolvem a conexão com o corpo, mente e espírito. A ideia de conexão com a própria energia feminina é recorrente, além de temas mais diversos, cursos, dicas de como se conectar consigo mesma e como notar os sinais de que seu corpo está desconectado. Há dezenas de práticas terapêuticas, aqui falarei apenas das mais recorrentes no recorte feito do Instagram.

Observamos também, dentro dessas práticas, uma aproximação importante com a ginecologia natural, tema muito abordado nos mais diversos perfis pertencentes ou não ao

SF. O tema da ginecologia natural observamos detalhadamente na pesquisa acadêmica da Roberta Dieguez - “DESCOLONIZAR O NOSSO CORPO”: concepções de corpo e saúde na Ginecologia Natural (2020), em que ela discorre sobre como práticas terapêuticas, na ginecologia natural, são usadas entre as mulheres que compartilham conhecimentos para resgatar a sua saúde, superar possíveis problemas que afetam o corpo feminino e promover uma vivência corporal renovada. Como Dieguez discute, essa abordagem visa valorizar a autonomia das mulheres em relação ao seu próprio corpo e saúde, estimulando o conhecimento da anatomia e fisiologia femininas. Essa busca representaria a reconquista de um conhecimento do qual as mulheres foram privadas ao longo do tempo, questionando também a medicalização do corpo feminino. Junto à ginecologia natural, como vimos, há sempre vinculado uma crítica à medicina alopática que é considerada a medicina alternativa, já que a "verdadeira" medicina estaria relacionada ao uso das ervas e remédios considerados naturais.

Figura 12 – Captura de ecrã @ginecologinatural



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvN9637v4ww/>

Uma importante prática muito presente neste contexto e na ginecologia natural são as práticas de percepção de fertilidade, métodos que ajudam as mulheres a compreender e acompanhar os sinais e sintomas de seu ciclo menstrual para identificar o período fértil. Essas práticas podem ser usadas para auxiliar na concepção, como método natural contraceptivo ou simplesmente para aumentar a consciência da saúde reprodutiva. Existem várias abordagens diferentes para a percepção da fertilidade, mas muitas delas envolvem a observação de sinais físicos, alterações de humor e mudanças no corpo que ocorrem ao longo do ciclo menstrual. Alguns dos principais métodos de percepção de fertilidade

incluem a observação e registro de vários sinais de fertilidade, como temperatura basal do corpo, mudanças no muco cervical e posição do colo do útero. Há também o registro da duração de cada ciclo menstrual ao longo do tempo para identificar padrões. Ao combinar essas informações, as mulheres poderiam determinar os dias mais férteis e inférteis de seu ciclo. É pertinente dizer que não são métodos contraceptivos infalíveis.

Há outras práticas terapêuticas como a meditação, a yoga, a aromaterapia, a cromoterapia, a terapia de cristais, limpezas energéticas e outras abordagens holísticas que possuem ideias semelhantes. Elas têm em comum, o equilíbrio das energias, a promoção da cura emocional, estimular a consciência corporal e fortalecer a conexão com o divino feminino.

Além disso, o autocuidado é valorizado nas publicações do Sagrado Feminino no Instagram. Diversas dicas e sugestões são compartilhadas, incentivando as mulheres a reservarem um tempo para si mesmas, cuidando de sua saúde física, emocional e espiritual. Isso pode envolver rituais de banho, banhos de assento, vaporização do útero, uso de ervas medicinais, práticas de autocuidado diário, alimentação saudável, descanso adequado, até o cultivo de pensamentos positivos. O objetivo principal, geralmente, é desenvolver o empoderamento e uma vida mais plena.

Figura 13 – Captura de ecrã @ginecologianatural



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cr1irYmPvjO/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cr1irYmPvjO/?img_index=1)

Podemos notar que o empoderamento é um conceito recorrente e importante dentro do SF. Nesse contexto, o empoderamento refere-se ao fortalecimento da mulher em sua identidade, poder pessoal e autonomia. Trata-se de um processo que busca resgatar e valorizar a essência feminina, promovendo a consciência do próprio valor, dos direitos, da

voz e da capacidade de tomar decisões. No Sagrado Feminino, o empoderamento é menos uma busca pela igualdade de gênero, e mais uma valorização dos aspectos que diferem o feminino do masculino, buscando a valorização do feminino. Assim, envolve a reconexão com os aspectos considerados pertencentes do feminino, como a feminilidade, a intuição, a criatividade, a sabedoria ancestral e a força interior, lembrando que todos esses termos fazem parte do vocabulário “nativo”. O empoderamento também está relacionado ao apoio e à união entre as mulheres, e por meio do compartilhamento de experiências, do acolhimento e da colaboração, busca-se criar um ambiente de apoio mútuo.

Uma pauta tradicionalmente importante para o feminismo, mas pouco mencionada é a questão do aborto. Existe um olhar acerca da perda gestacional, que possui rituais e cerimônias para que haja o fechamento do ciclo, incluindo algumas práticas de limpeza uterina, entre outras. Mas não se encontra material sobre o direito ao aborto, principalmente nas redes sociais. Por ser um tema delicado e complexo, acredito que a discussão sobre ele nas redes sociais pode gerar intensos debates e opiniões divergentes. Além das próprias políticas rígidas sobre determinados assuntos, que podem gerar censura e dificultar o debate político.

Uma expressão frequentemente usada no SF é "mulher medicina". Ela refere-se às mulheres que possuem habilidades e conhecimentos curativos, espirituais e de autocura. Essa terminologia observamos tanto nas redes, como nos livros, destacando a conexão ancestral entre as mulheres e o poder de cura que elas possuem. Essa expressão valoriza a sabedoria feminina e as habilidades curativas que as mulheres possuiriam naturalmente. Isso pode incluir não apenas conhecimentos sobre ervas medicinais e técnicas terapêuticas, mas também uma compreensão profunda do corpo, da mente e da espiritualidade feminina. Ao usar essa expressão, busca-se reivindicar o papel das mulheres como agentes de cura e transformação, destacando sua capacidade de cuidar de si mesmas e dos outros. Segundo o SF, também enfatiza-se a importância de resgatar e valorizar o conhecimento ancestral das mulheres, que foi marginalizado ou perdido ao longo do tempo, como vimos anteriormente.

Figura 14 – Captura de ecrã @mulherciclica



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCbig9plHec/>

Além do autocuidado e poder curativo das mulheres consigo mesmas, há também uma quantidade muito grande de vendas de cursos e serviços. Considero importante trazer essa temática para análise, pois é muito comum encontrar em todos os perfis que abordam o assunto do Sagrado Feminino como um segmento que virou um nicho de mercado. Observando os perfis que abordam o SF no Instagram, fica evidente como esse segmento se tornou um mercado em crescimento.

No geral, as mídias sociais têm se tornado uma das principais ferramentas de marketing e vendas, impulsionando profissionais de diversas áreas a promoverem e venderem seus serviços. O que poderia ser apenas o simples compartilhamento com amigos e familiares de publicações pessoais, se tornou uma plataforma de marketing digital.

Conseguimos observar a diversidade de formatos utilizados para a venda de cursos, que vão desde treinamentos e workshops mais abrangentes até cursos mais específicos, abordando questões particulares relacionadas às mulheres (conforme destacado no número 10 da tabela). Além disso, também se destacam os retiros e imersões, que proporcionam experiências mais intensivas e profundas, assim como as capacitações destinadas a mulheres que desejam se tornar facilitadoras de grupos. Encontramos também cursos para ensinar a praticar rituais, magias, uso de ervas medicinais, entre tantos outros.

É interessante notar que, entre os perfis selecionados, apenas um deles pertence a uma médica, enquanto os demais não têm formação na área da saúde. Isso indica que a oferta de cursos e serviços relacionados ao Sagrado Feminino não está restrita a profissionais da saúde, mas envolve uma ampla gama de terapeutas e facilitadores. Essa

diversidade de especialidades reflete a abordagem abrangente do Sagrado Feminino, que vai além dos aspectos físicos e médicos, abraçando o aspecto espiritual, emocional e psicológico das mulheres, o que conversa justamente com as práticas do movimento Nova Era, que mistura um diverso conjunto de terapias e práticas alternativas. Os cursos e serviços oferecidos nesse contexto não diferem da teoria já visitada anteriormente, e visam auxiliar as mulheres em seu desenvolvimento pessoal, empoderamento, autocuidado e cura.

É importante ressaltar que, com o aumento da demanda por cursos e serviços relacionados ao Sagrado Feminino, surgem diferentes abordagens, estilos e preços. Em suma, o mercado relacionado ao Sagrado Feminino no Instagram tem se tornado um nicho em crescimento, oferecendo uma ampla variedade desses recursos para atender às demandas das mulheres interessadas nessa temática. A diversidade de abordagens, formatos e especializações reflete a complexidade desse universo.

Figura 15 – Captura de ecrã @ginecologianatural



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CvYdnfMO04e/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CvYdnfMO04e/?img_index=1)

Assim podemos notar a proliferação de serviços e cursos relacionados ao Sagrado Feminino no Instagram e em outras plataformas de mídia social. Embora esse fenômeno não seja exclusivo desse campo, ele reflete uma tendência mais ampla de comercialização de serviços por profissionais de diversos setores. No entanto, dentro do nicho do SF, essa tendência se tornou especialmente evidente, muitas vezes acompanhada por preços consideravelmente elevados. Em última análise, a crítica sobre a comercialização do SF pode ser abordada de forma cuidadosa, reconhecendo a complexidade do assunto.

Figura 16 – Captura de ecrã @mulher.sagrada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYUEpgLpGM/>

### 4.3 Feminino

Para finalizar, queremos chamar atenção para o papel central da concepção de feminino dentro do SF. A feminilidade é considerada uma expressão divina, uma manifestação sagrada presente em todas as mulheres que valoriza as características associadas a esse feminino, como a intuição, sensibilidade e poder criativo. Uma das principais conexões estabelecidas no Sagrado Feminino é entre o feminino e a natureza. A mulher é vista intrinsecamente ligada à natureza, e acredita-se que ao cuidar do ambiente, ela também cuida de si mesma. Essa ideia encontra ressonância no ecofeminismo, em que a mulher é vista como capaz de melhorar o planeta através do cuidado ambiental. Dentro dessa perspectiva, há uma associação com diversos aspectos da natureza. Por exemplo, valoriza-se a ciclicidade da mulher e da natureza, como os ciclos menstruais, as fases da lua e as estações do ano. A natureza é simbolizada como fonte de fertilidade e criação, nutrindo e sustentando toda a vida no planeta. Da mesma forma, as mulheres são vistas como capazes de gerar vida.

Figura 17 – Captura de ecrã @mulherciclica



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CN90B92FO3Z/>

Além disso, há uma percepção romântica da natureza como fonte de beleza e inspiração, proporcionando uma elevação espiritual. A natureza é vista como uma conexão profunda que desperta uma sensação de pertencimento com algo maior. E podemos notar que sempre há um convite para que as mulheres se conectem com essa essência feminina, para que encontrem equilíbrio em seu vínculo com a natureza.

A questão das mulheres trans, como dito anteriormente, é um ponto importante a ser abordado neste contexto, pois tem gerado discussões e reflexões dentro da SF. No entanto, é um tema sensível que suscita divergências entre os grupos. Embora muitos grupos sejam inclusivos e acolham todas as mulheres, independentemente de sua identidade de gênero, isso não é uma prática generalizada. Reconheço a necessidade de uma exploração mais aprofundada desse tema. É relevante destacar que existem perfis que defendem posições contrárias à inclusão das mulheres trans, enquanto outros as acolhem. Essa diversidade de perspectivas evidencia a complexidade do assunto e a importância de uma abordagem mais ampla e inclusiva. É fundamental que essas discussões sejam conduzidas de forma respeitosa, aberta e inclusiva, a fim de promover o diálogo construtivo.

Figura 18 – Captura de ecrã @sagradofemininoreal



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ci0aZMmpHxz/>

Para finalizar, não podemos deixar de trazer o conceito de energia como grande atravessador dessas categorias. Como vimos anteriormente, a ideia de "energia" é fundamental e é usada de várias maneiras dentro dos movimentos vistos, muitas vezes relacionada a essas abordagens espirituais e holísticas da vida (Movimento Nova Era, Sagrado Feminino). Algumas das principais maneiras pelas quais a ideia de energia aparece é relacionada à energia vital, que permeia o universo e todas as formas de vida. Essa energia é vista como uma parte intrínseca de tudo o que existe. A energia também aparece como uma expressão da dimensão espiritual e como um elemento capaz de curar o corpo, a mente e o espírito. Além do que citamos acima, práticas holísticas de Reiki, cura com cristais e meditação também se utilizam da energia como cura. Pois a energia também faz ligação entre as todas as coisas, reconecta, ligando-se portanto à ideia de totalidade.

Neste contexto, fala-se bastante de "energia feminina", geralmente relacionada à receptividade, cuidado, empatia, intuição, entre outros, o que muitas vezes reforçam os estereótipos de gênero - ainda que dentro desse contexto haja a discussão de que esta é uma concepção simbólica que se relaciona com qualidades, características e princípios associados à feminilidade, independentemente do gênero da pessoa. Assim, é notável a prevalência de postagens e discussões que oferecem orientações sobre como se reconectar com essa energia, uma vez que ela é considerada um fator importante para a saúde e o bem-estar, destacando, assim, a importância de manter uma conexão com as qualidades associadas ao feminino.

Figura 19 – Captura de ecrã @mulher.sagrada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cc1qQsntVy3/>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos através das perspectivas do romantismo, movimento Nova Era e feminismo, o Sagrado Feminino.

As observações feitas nos capítulos anteriores foram resultado de uma análise detalhada de um amplo conjunto de informações coletadas durante uma fase preliminar de investigação. Todo material acadêmico, mas principalmente os livros nativos, postagens de Instagram, assim como as entrevistas e materiais colhidos sobre o Sagrado Feminino foram de suma importância para me aproximar e obter uma melhor compreensão sobre o tema. Compreender os princípios do romantismo me proporcionou insights valiosos para entender a origem das ideias relacionadas ao Sagrado Feminino.

Em resumo, pode-se concluir que o romantismo introduziu a noção de totalidade, uma visão de mundo que enfatiza a conexão entre todas as coisas e promove uma abordagem holística da vida (Duarte, 2004), ou em outras palavras, uma certa noção de totalidade perdida a ser recuperada. Tal perspectiva influenciou o que mais tarde veio a ser chamado de neo-romantismo. Essa noção de totalidade, é bastante central em todo o SF, visto que sua concepção de espiritualidade traz a busca dessa reconexão com essa totalidade (o sagrado) onde todo universo estaria interconectado.

No romantismo, questionava-se o universalismo em favor da singularidade e da experiência pessoal, contra a visão dualista cristã que separava o mundo material do espiritual, valorizando a natureza como sagrada e integrando o corpo como parte dessa totalidade (Duarte, 2004). Essa visão teve um impacto nos princípios base do movimento Nova Era.

Em síntese, o romantismo desempenhou um papel crucial na mudança das crenças espirituais ocidentais, afastando-se do paradigma dualista cristão em direção a uma visão mais imanente e holística da espiritualidade. Podemos perceber com isso, como as convenções do movimento Nova Era derivam do pensamento romântico.

O que chamamos de movimento Nova Era surge a partir do movimento de contracultura e se inspira em outras tradições espirituais não tradicionais, formando, com isso, um movimento diversificado e complexo que promove uma perspectiva mística e positiva da vida, e também, uma consciência ecológica (Campbell, 1997). Campbell, como vimos, traz o neopaganismo como um movimento de retorno a um passado pré-cristão. E portanto, um dado importante a ser lembrado, é que também podemos relacionar o SF ao neopaganismo, devido a ênfase no caráter feminino da divindade.

Podemos perceber que o SF, movimento Nova Era e o ecofeminismo se interconectam de várias maneiras, especialmente por meio da valorização da conexão com a natureza. E tanto o ecofeminismo quanto o conceito de Sagrado Feminino destacam a conexão entre as mulheres e a natureza. Sendo que no ecofeminismo, tal qual vimos, essa conexão é explorada sob a perspectiva política, destacando como as mulheres têm feito parte dessa associação com a natureza e como ambas foram exploradas e oprimidas (Plumwood, 1993; Siliprandi 2000; Flores e Trevizan, 2015). Já o Sagrado Feminino, por sua vez, interpreta essa conexão através da espiritualidade, enfatizando o aspecto feminino da divindade.

Essas abordagens convergem justamente nessa valorização da natureza como algo sagrado e na importância de cuidar e proteger o meio ambiente como fator de saúde. Tanto o ecofeminismo quanto o Sagrado Feminino valorizam as características ditas femininas, como a empatia, a compaixão e o cuidado, que são frequentemente associadas às mulheres.

O ecofeminismo enfoca essas características como fundamentais para uma relação mais harmoniosa com a natureza, enquanto o Sagrado Feminino as considera aspectos a serem celebrados. Conforme podemos notar, a questão da relação entre natureza e cultura é um tema central que tem gerado debates e divergências dentro do movimento feminista e ecofeminista, visto que em nenhum dos movimentos essa relação entre mulher e cultura é uníssona. Porém, comumente no ecofeminismo, acredita-se que a emancipação das mulheres está atrelada ao fim da exploração ambiental, o que vincula mais uma vez a ideia de mulheres como mais próximas da natureza.

No entanto, é importante reconhecer que, em algumas interpretações ou práticas, esses movimentos podem inadvertidamente reafirmar estereótipos de gênero. À medida que se promove a ideia de que todas as mulheres compartilham características essenciais, pode-se cair no que o feminismo vem há décadas combatendo, que é a ideia de essencialismo, ou seja, que as mulheres têm certas qualidades, papéis e destinos pré-definidos devido à sua biologia, enquanto os homens têm outros. Tal perspectiva pode vir a manter uma visão estritamente binária de gênero, reforçando os velhos papéis de gênero. Desta maneira, ignora-se as experiências e identidades diversas das mulheres, conforme as críticas que observamos no feminismo interseccional.

Ainda que possamos entender o Sagrado Feminino como feminista, à luz do ecofeminismo e do feminismo da diferença, como já dito, nem todas as adeptas se reconhecem e se afirmam feministas. Mas é importante destacar como o círculo de mulheres tem potencial para promover uma série de ganhos para as mulheres, como um

ambiente seguro e solidário no qual podem compartilhar suas experiências. Essa troca de vivências pode ajudar as mulheres a perceberem que não estão sozinhas e promovem a oportunidade de construir redes de apoio significativas. Além disso, esses grupos podem se envolver em ativismo, defendendo questões que afetam diretamente as mulheres e trabalhando pela igualdade de gênero. Um exemplo é a celebração da menstruação, que pretende desfazer a aversão que muitas mulheres têm de seus próprios corpos. Movimento que também observamos na ginecologia natural, em que as mulheres vêm buscando soluções práticas para problemas de saúde dos quais a medicina tradicional não dá conta.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.5-22. 1997
- CAROZZI, María (Org.). **A nova era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 1999. 200 p.
- CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades feministas: Relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil, **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 110 | 2016, colocado online no dia 26 setembro 2016, criado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/6410> ; DOI : 10.4000/rccs.6410
- CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres” ,**Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(2): 431-449, maio-agosto/2015
- DAMM, Camila Goos. **As Deusas dos Ramos e o Sagrado Feminino**. Orientador: Aparecido Donizete Rossi. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2019. Acesso em 5 de junho de 2023. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos\\_literarios/5000.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/5000.pdf)
- MORAIS, Janaina de Araújo. **Portal Vermelho: uma etnografia sobre corpo, gênero, sangue, emoções e experiências**. 2021. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.
- DIEGUEZ, Roberta. “**Descolonizar o nosso corpo**”: concepções de corpo e saúde na Ginecologia Natural. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- DUARTE, Luiz F. D. A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. **RBCS**, v. 19, n. 55, junho, p. 5-19, 2004.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo : Pensamento, 2011.
- FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 11-34, Apr. 2015.
- FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092dae3a>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

GRAY, Miranda. **Lua vermelha: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional.** São Paulo: `Pensamento, 1ªED, 2017.

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença.** 2015.

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900/pdf%27>

MALUF, S. W. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era. **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 147-161, 2005a.

MANICA, Daniela e RIOS, Clarice. **(In)visible Blood: menstrual performances and body art. in: Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, v. 14, n.1. January to April 2017.** Brasília, ABA. Available at <http://www.vibrant.org.br/daniela-tonelli-manica-clarice-rios-invisible-blood-menstrual-performances-and-body-art/>

ORTNER, Sherry. **Is female to male as nature is to culture?** In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. (Orgs.) *Woman, culture, and society.* Stanford, CA: Stanford University Press, p. 68-87, 1974.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura** , v.11, n.2, jul/dez, 2008, p. 263-274.  
<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247/4295>

PLUMWOOD, Val. *Feminism and the mastery of nature.* New York: Routledge, 1993.

RAMÍREZ MORALES, María Del Rosario. **Cuerpos sagrados, cuerpos resignificados: círculos de mujeres y nuevas espiritualidades.** November 2015 In book: *Comprendiendo a los Creyentes: la religión y la religiosidad en sus manifestaciones sociales.* Publisher: Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa/Juan Pablos Editor RAMÍREZ Morales, M. del R. (2016). Del tabú a la sacralidad: la menstruación en la era del sagrado femenino. *Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião*, 18(24), 134–152.  
<https://doi.org/10.22456/1982-2650.62531>

ROSENDO, Daniela. **Sensível ao Cuidado Uma Perspectiva Ética Ecofeminista.** 1a. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

ROHDEN, Fabiola. **Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença.** *Rev. Est. Fem.* n. 4, p. 96-117, 1996/1.

RUSSO, Jane Araújo. **O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1993.

SORJ, Bila. O feminino como metáfora da natureza. **Estudos Feministas**, n. 0, p. 143-150, 1992.

SALA, Núria Calafell. “Menstruación decolonial”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e57907, 2020.

SCHIEBINGER, Londa. **Nature's Body: gender in the making of modern science.** Boston: Beacon, 1993. (Capítulo 1)

SHIVA, V. Vandana Shiva. **Aposta no Ecofeminismo**. Outras Palavras, mai. 2018. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/vandana-shiva-aposta-no-ecofeminismo/>> Acesso em: 19 set. 2022.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.1, n.1, jul/dez. 2000. Disponível em: <[http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n1/11\\_artigo\\_ecofemi.pdf](http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/n1/11_artigo_ecofemi.pdf)>. Acesso em 13 out. 2018.

SUPER INTERESSANTE. “**O que é a Era de Aquário?**”. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-era-de-aquario/>. Acesso em: 16/04/2023.

TAVARES, Fátima Regina & DUARTE, Joelma & COGNALATO, Rosana. (2010). “**Movimento nova era e a reconfiguração do social (da contracultura à heterodoxia terapêutica)**”. *Antropolítica*. 177-196. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/309125967\\_Movimento\\_nova\\_era\\_e\\_a\\_reconfiguracao\\_do\\_social\\_da\\_contracultura\\_a\\_heterodoxia\\_therapeutic](https://www.researchgate.net/publication/309125967_Movimento_nova_era_e_a_reconfiguracao_do_social_da_contracultura_a_heterodoxia_therapeutic). Acesso em 02/04/2023.